

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Belas Artes

TRIP

Roteiro para um Porto não tão conhecido

Maria João Fernandes

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Design da Imagem

Orientador: Prof. Doutor Heitor Alvelos

Porto, 2009

Agradecimentos

Aos Pais e Irmã,
ao Rafael de Souza Falcão,
ao tio José Teixeira Pereira,
ao primo Nuno Margarido,
às amigas e amigos,
e ao orientador Prof. Doutor Heitor Alvelos.

11	Resumo <i>Abstract</i>
13	Introdução
14	Motivação
14	Cidade do Porto - Identidade
18	Objectivos
18	Enquadramento Académico
19	Contextualização
23	Metodologia
23	Zonamento
27	Teoria da Deriva (Guy Debord)
30	Trabalho de Campo
30	Percursos (Motivações)
33	Percurso 1
37	Percurso 2
39	Percurso 3
42	Percurso 4
44	Percurso 5
47	Percurso 6
49	Percurso 7
52	Percurso 8
54	Conclusão
56	Localização e Integração no Percorso dos Pontos de Interesse
56	Mapeamento (Percorso)
60	Pontos de Interesse
70	Teste do Percorso

71	Projecto Prático (Guia)
73	Conceito
74	Público-Alvo
75	Estrutura
75	Identidade (Nome)
77	Identidade (Logo)
78	Tipologia da Capa
80	Conteúdos
87	Conclusão
93	Bibliografia
97	Anexos
99	Anexo 1 . Documento de Enquadramento Académico
104	Anexo 2 . Inquérito
105	Anexo 3 . Mapa - Zonamento
107	Anexo 4 . Teoria da Deriva de Guy Debord
113	Anexo 5 . Mapa – Derivas Experimentais
115	Anexo 6 . Diário Visual
123	Anexo 7 . Mapa – Percurso e Pontos de Interesse
125	Anexo 8 . TRIP - Guia em desenvolvimento e Dissertação em formato digital

Resumo

Um novo conceito de Guia. Sem menosprezar os principais centros atractivos da cidade do Porto, pretende dispersar a atenção em demasia a estes votada, numa narrativa revivalista dos locais significativos presentes no quotidiano, na realidade e nas vivências de uma cidade.

O guia oferece ao leitor/ observador esta narrativa sobre a forma de um percurso, salientando determinados pontos de interesse que possibilitem um relacionamento mais familiar e íntimo com a cidade e os seus habitantes.

O processo que determinou o percurso sugerido foi baseado na Teoria da Deriva de Guy Debord, andando ao acaso pelas ruas e lugares da cidade.

Este projecto não pretende terminar com esta dissertação, mas sim procurar vias de publicação para que este possa chegar a um público alargado, marcando assim a diferença.

Abstract

A new concept of Guide. Without ignoring the main attractions of the Oporto city, it aims to disperse their too much attention into a revival everyday life spots.

This guide offers to the reader/ observer this narrative in a journey, giving and emphasizing several interesting spots which allows a closer and intimate relationship with the city and their locals.

The process that have defined the journey was supported by the Theory of the Derive, from Guy Debord, getting around ramdomly in the streets of Oporto city.

This Project will try to atempt publishing so that it can get into a larger audience, so that it can make the difference.

Introdução

Este projecto é um convite a conhecer a cidade do Porto de uma forma diferente. Salienta espaços e pontos de vista da cidade admiráveis, não por serem atractivos pela sua monumentalidade ou história, mas pelas suas características genuínas e tradicionais. Aspectos diferentes dos quais um turista, ou até mesmo um portuense, está habituado a sentir.

Apresenta uma forma de descobrir as realidades e vivências puras da cidade, através de percursos/ passeios de modo a despertar a curiosidade de quem caminha pelas ruas, enquanto explora os mistérios da cidade.

Objectivamente procurou-se alterar a concepção de guia já existente da cidade do Porto, quer para a cidade adquirir outras narrativas e dimensões, quer para revitalizar estes espaços, para que não percam a sua identidade e não caiam no abandono e esquecimento.

Motivação

O contínuo aparecimento de documentos/ guias (gratuitos ou não) que nos facultam roteiros monótonos da cidade do Porto, que nos levam sempre aos mesmos espaços, pelas mesmas ruas, mesmas praças, e a falta de informação sobre a variada oferta comercial, cultural e de lazer da cidade, estimulou a vontade de fazer um levantamento minucioso e exaustivo de tudo o que o Porto tem para oferecer.

O cansaço da informação repetida foi o ponto de partida para o avanço deste projecto. A Rua de Santa Catarina, a Sé Catedral, a Casa da Música, a Avenida dos Aliados, a Ponte Luís I, a Torre dos Clérigos, entre outros, não são os únicos monumentos que identificam a cidade do Porto, sendo muito mais do que isso, as pessoas, o quotidiano, os modos de vida, a tradição, que permitem dar a conhecer o que realmente o Porto é. “(...) mostrar o Porto - no que ele tem de história, de estória e de espírito de lugar (...)”.¹

Há aqui um claro desvio dos considerados principais centros de atracção, dando lugar prioritário a “novos monumentos”.²

É também um exercício de livre pensamento sobre a minha cidade.

Cidade do Porto - Identidade

Todas as cidades têm a sua própria identidade. O Porto, tem-na bem vincada, e reconhecível ao primeiro contacto. A sua identidade geográfica complementada com a sua identidade histórica, cultural, social e visual constituem uma identidade única que a distingue de todas as outras.

¹ SILVA, Germano, *Passeios pelo Porto de Outros Tempos* – Prefácio de José Viale Moutinho, p.9

² ALVELOS, Heitor, *Áreas de Investigação*. Porto: Departamento de Design da FBAUP, Fevereiro 2008. (ver Anexo 1)

A cidade do Porto, cidade que deu o nome a Portugal, denominava-se originalmente por Portus, tornando-se mais tarde capital do condado Portucalense ou Portucale. É célebre como capital do Norte ou cidade Invicta.

A cidade do Porto usufrui de um território com 41,3 Km² de área e 36 Km de perímetro³, propaga-se pela margem direita do rio Douro e é limitada ainda pelo Oceano Atlântico a Este e a estrada da Circunvalação a Norte e a Oeste. É constituída por 15 freguesias: Sé; São Nicolau; Vitória; Miragaia; Santo Ildefonso; Massarelos; Cedofeita; Bonfim; Lordelo do Ouro; Foz do Douro; Nevogilde; Aldoar; Ramalde; Paranhos; e Campanhã.

O Centro Histórico do Porto, classificado como Património Mundial desde 1996 pela UNESCO, integra a cidade nos grandes valores da Humanidade. A área do Porto Património Mundial estende-se por quatro freguesias: Sé, São Nicolau, Miragaia e Vitória.

Os naturais do Porto são conhecidos como ‘Tripeiros’, título que não foi dado com intenção de diminuir mas sim de valorizar, conotado com duas *lendas*. A primeira deve-se ao gesto altruísta dos portuenses, que ficaram apenas com as tripas de vaca, enviando, por mar, a carne para Lisboa, cercada por D. João de Castela em 1384. A segunda diz respeito ao esforço a que os portuenses se dedicaram para apoiar a preparação da armada que ia a caminho da conquista de Ceuta, armada da qual a primeira nau partiu do Porto, em 1415. Os portuenses disponibilizaram ao corpo expedicionário toda a carne disponível, ficando apenas com as tripas para a sua própria alimentação. Razões pelas quais as “Tripas à moda do Porto” serem um dos pratos tradicionais da cidade.

São os habitantes do Porto que lhe dão vida e um carácter colectivo e hospitaleiro, têm uma pronúncia vincada, rude e garrida, são pessoas empreendedoras e trabalhadoras, bem dispostas e rijas.

³ INE (Instituto Nacional de Estatística). Última actualização destes dados: 16 de Julho de 2009.

O cinzento da mancha rochosa, composta maioritariamente por granito, preenche grande parte do Porto, e este com o passar do tempo sofre adulterações na sua composição química e no seu aspecto físico, fruto de uma grande humidade atmosférica. Apresenta uma tonalidade característica, resultado das acções de oxidação-redução à superfície e visível nas fachadas dos edifícios e no piso da zona mais antiga, a qual se reconhece como sendo a típica *cor do Porto*. É a esta tonalidade que o Porto deve a sua característica personalidade. Este cinzentismo também se adequa à caracterização da meteorologia habitual na cidade: o nevoeiro e a neblina surgem esporadicamente nos vários meses do ano, estando os portuenses já a eles acostumados.

A cidade debruça-se sobre o Douro na forma de cascata com uma paisagem urbana enriquecida de identidade, forte carácter e qualidade estética. Os campanários das Igrejas, os telhados, as clarabóias, as varandas floridas, as casas, os chafarizes e fontanários e os jogos de azulejos, apesar da pluralidade dos tons, motivos e materiais, compõem uma unidade estética e visual, típica portuense que nos presenteia com uma exuberante riqueza panorâmica.

“Antiga, Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto”⁴

⁴ Legenda do Escudo da Cidade do Porto, decretada por D. Maria II.



Objectivos

Este projecto pretende desempenhar um papel importante na sociedade portuense, sob a forma de reanimação e valorização de todos os locais que tendem a adormecer. É, antes de mais, um convite claro à mudança de percepção da imagem da cidade, transformando os aspectos desconhecidos da cidade a atractivos, desviando-se dos grandes centros de atracção sem contudo os desprezar. O que passava despercebido passa, agora, a atractivo.

O projecto incita o observador a visitar ou visitar a cidade e, inclusivamente, leva-o a lugares onde provavelmente nunca iria, lugares esquecidos que valem a pena conhecer, pelas suas características. Permite ao observador explorar, descobrir e organizar a cidade.

Este projecto pretende contribuir para a divulgação, promoção e dinamização das ruas, do quotidiano e do comércio do Porto, estabelecendo uma fuga dos grandes centros comerciais fechados, vivificando o comércio tradicional ao ar livre.

“E só se pode conhecer uma cidade que se ama, obviamente que também só se pode amar uma cidade que se conhece.”⁵

Enquadramento Académico

As razões do presente projecto, particularmente as da escolha do objecto de estudo (a Cidade do Porto), ultrapassam os motivos já referidos. Das temáticas previstas pelo Departamento de Design da FBAUP no documento “Áreas de Investigação”, datado de Fevereiro de 2008⁶, a opção de desenvolver um guia do Porto enquadra-se totalmente na área “Novos Monumentos”.⁶

⁵ SILVA, Germano, *Passeios pelo Porto de Outros Tempos* – Prefácio de José Viale Moutinho, p.10

⁶ ALVELOS, Heitor, *Áreas de Investigação*. Porto: Departamento de Design da FBAUP, Fevereiro 2008. (ver Anexo 1)

O quotidiano, as pessoas, a estória e a história da cidade do Porto espalham-se pela rede concentrada de ruas, ruelas e escadarias estreitas, irregulares e íngremes, cheias de riqueza, expressividade e modéstia. Estes espaços e realidades também merecem ser partilhados e experimentados. "Falta descobri-los, falta projectá-los para que se tornem em referências do quotidiano colectivo, locais a inscrever nos roteiros turísticos, património a preservar para além do discurso oficial, institucional".⁶

A definição de estratégias de exploração destes espaços e o seu conhecimento aprofundado permitirá "identificar realidades da cidade do Porto que devem ser consideradas ex-líbris da cidade".⁶ A componente prática deste projecto apresenta uma forma de divulgar essas realidades, num suporte portátil e transportável, um guia da cidade através de pequenos percursos/ passeios.

Contextualização

A ideia de desenvolver um guia da cidade do Porto começou pelo interesse pessoal nas Revistas Alternativas Gratuitas Portuguesas (DIF e PARQ), consideradas revistas de tendências e guias culturais. Estas revistas estão também disponíveis *online* em formato PDF, dando eco de toda uma cultura urbana em evolução contínua. São revistas mensais, alternativas, artísticas e informativas, que tiram partido e exploram relacionamentos do dia-a-dia, reunindo diversas culturas, formas de expressão e testemunhos, abordando vários tipos de tendências. Proporcionam uma visão global e complexa do mundo em que vivemos, por vezes exótica e demasiado distante.

A grande atracção nestas revistas, para além dos seus conteúdos, é essencialmente, neste projecto de investigação, a sua estrutura e organização gráfica, centralizando a área de estudo no design editorial.

⁶ ALVELOS, Heitor, *Áreas de Investigação*. Porto: Departamento de Design da FBAUP, Fevereiro 2008. (ver Anexo 1)

Inicialmente, este projecto estava previsto assentar só no estudo deste tipo de revistas: quais as suas preocupações e intenções; quais as estratégias de produção; analisar e estudar a anatomia deste tipo de publicações (principais componentes do *layout*); a paginação (uma vez que é uma revista de tendências, existem regras?); a hierarquia da informação; a tipografia utilizada; as influências e inspirações; qual o público-alvo (quais as gerações que abrange; qual o tipo de leitor; se há ou não desvios de público); e a distribuição (em que locais do país são distribuídas; quem distribui; quantos exemplares por local). Este projecto inicial não tinha, contudo, a componente prática definida.

O problema era a obsessão pela imagem (design editorial) destas revistas, sem qualquer objectivo em concreto estabelecido. A recolha de exemplos deste tipo de revistas (nacionais e internacionais) e o início do estudo e análise da grelha que suportava as revistas ‘DIF’ e ‘PARQ’ terminaram após duas conversas informais, uma com o Professor Mário Moura⁷ e outra com o Professor Jorge Silva⁸. Nestas conversas ficou clara a importância de saber o motivo de estar a fazer algo, de estabelecer desde logo objectivos e finalidades.

De qualquer modo, este tipo de revistas nunca foi posto de parte, pelo contrário, foi a partir das últimas páginas de ambas as revistas, que contêm um pequeno guia de compras e restaurantes, que emergiu a vontade de desenvolver um guia gratuito do Porto, tendo como principais referências o guia gratuito “CONVIDA” de Lisboa - apesar de não ter havido, por parte do gabinete que desenvolve o guia lisboeta, receptividade em acompanhar o presente projecto, e o guia “LE COOL”, guia de distribuição não gratuita, de onde foram retiradas algumas ideias de estrutura gráfica, de cariz descontraído.

Numa primeira fase, para análise e pesquisa de campo, foi feita uma recolha de todos os guias gratuitos (físicos e digitais) actuais existentes do Porto. Em suporte físico foram en-

⁷ Critico de Design e Professor no Departamento de Design na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

⁸ Designer (www.silvadesigners.com) e Professor da disciplina Direcção de Arte do Mestrado em Design Gráfico e Projectos Editoriais na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

contrados: “Guia Sentido”, também disponível *online* (www.guiasentido.pt), existe desde 2008, consiste num folheto de bolso em forma de desdobrável (66x33cm) e é composto por duas versões: (zona 1) “Porto/ Boavista” e (zona 2) “Boavista/ Foz”, tem periodicidade anual, está organizado por nove categorias (Restaurantes; Bares/ Noite; Alojamento; Música/ Livros; Moda; Arte; Design; Lazer; Outros Espaços), cada categoria é identificada por uma cor; e “Gled” (Guia de Lazer, Espaços e Design), também disponível *online* (www.gled.com.pt), existe desde Janeiro de 2009, é bimestral, consiste num pequeno livro no formato A5, dividido por temas. Em suporte digital foram encontrados: <http://oportocool.wordpress.com>; www.lifecooler.com.

Existem muitos guias...

Este projecto não pretende ser apenas mais um no meio de tantos guias, mas sim um inovador conceito de passeio, como referido nos objectivos acima citados.

O ponto de partida que precedeu o desenvolvimento do projecto, foi a procura de algo que se diferencia do que já existe no âmbito deste universo, interrogando: o que falta?; do que falar?; o que dava jeito saber e não se sabe?

O desenvolvimento de um inquérito de rua (ver Anexo 2), realizado com o estudo inicial das revistas em mente, contribuiu para perceber o panorama da situação em relação ao que já existe, o que toda a gente conhece e o que falta.

Todos os guias citados acima são muito semelhantes entre si, falam dos mesmos espaços, são dirigidos a um público muito restrito e têm um estilo muito próprio, sendo que a única característica que os distingue é o seu grafismo.

Por consequência, o presente projecto pretende promover a valorização de espaços, ruas e estabelecimentos de que as pessoas não costumam ouvir falar, e também a fuga aos espaços de que o observador está já saturado de visitar e revisitar, mostrando, assim, o universo exclusivo e fabuloso da cidade do Porto.



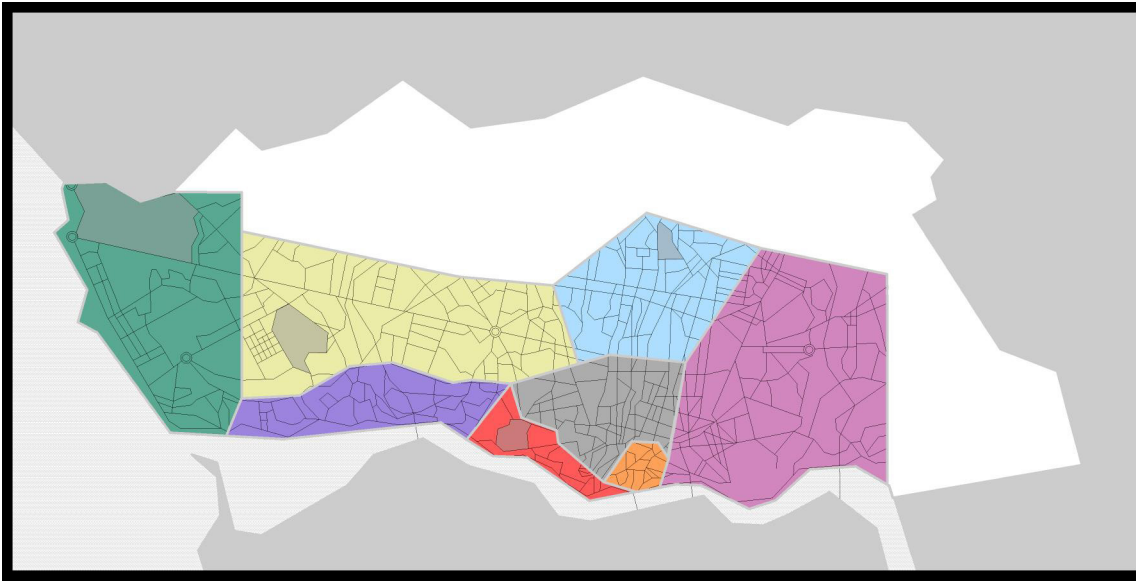
Metodologia

Zonamento

Nesta fase do projecto, e com o tempo que faltava para a sua conclusão, foi realmente importante perceber que métodos seriam essenciais para a execução de um bom trabalho de campo e conseqüente trabalho prático.

Numa primeira etapa, a necessidade de perceber a organização do território da cidade do Porto foi fundamental. É desde já visível a extensa área a investigar, por isso torna-se necessário dividir esta extensão em diferentes zonas, mais pequenas, para facilitar a exploração tanto por parte do investigador como do observador.

A área do Porto foi então dividida em 8 zonas significativas: Foz; Boavista; Lordelo do Ouro; Ribeira; Sé; Baixa/ Aliados; Lapa/ Marquês; e Antas/ Campanhã. (ver Anexo 3)



Para melhor compreensão dos limites dos locais em estudo, segue-se uma breve descrição das várias zonas e de alguns pontos de referência nelas contidos.

Limites:

Foz

A zona da Foz, no mapa a verde, estende-se entre a Praça da Cidade do Salvador (Rotunda da Anémoma) e a Estrada da Circunvalação a Norte, corta a Avenida da Boavista e sensivelmente a meio a Avenida Marechal Gomes da Costa a Oeste, e é banhada pelo Oceano Atlântico a Este até ao Farol de São Miguel a Sul. Abrange as freguesias de Aldoar, Nevogilde e Foz do Douro, o Parque da Cidade, o Forte de São Francisco Xavier (Castelo do Queijo), a Avenida Brasil, o Forte de São João Baptista da Foz (Castelo da Foz) e uma costa de praia.

Boavista

A zona da Boavista, no mapa a amarelo, estende-se entre a Avenida do Bessa a Norte e a Rua do Campo Alegre a Sul, e entre a Avenida Marechal Gomes da Costa a Este até Cedofeita a Oeste. Abrange as freguesias de Ramalde, Lordelo do Ouro e Cedofeita, a Avenida da Boavista, a Fundação de Serralves, a Casa da Música e o Estádio do Bessa.

Lordelo do Ouro

A zona de Lordelo do Ouro, no mapa a roxo, estende-se entre a Rua do Campo Alegre a Norte, e o Rio Douro a Sul, e entre o Farol de São Miguel a Este e o Museu do Carro Eléctrico a Oeste. Abrange o Passeio Alegre, o Teatro do Campo Alegre, o Jardim Botânico, a Faculdade de Arquitectura, e o pólo da Universidade do Porto do Campo Alegre.

Ribeira

A zona da Ribeira, no mapa a vermelho, estende-se entre as Ruas Júlio Dinis e Dom Manuel II a Norte e o rio Douro a Sul, e entre o Museu do Carro Eléctrico a Este e a Ponte Luís I a Oeste. Abrange as freguesias de Massarelos, São Nicolau e Miragaia, o Palácio de Cristal (Pavilhão Rosa Mota), o Museu Romântico, o Museu do Vinho do Porto, a Alfândega, o Palácio da Bolsa e o Mercado Ferreira Borges.

Sé

A zona da Sé, no mapa a laranja, estende-se entre a Estação de São Bento e a Praça da Batalha a Norte e a Ponte Luís I a Sul, e entre a Rua de Mouzinho da Silveira a Este e a Rua de Augusto Rosa a Oeste. Abrange a Sé Catedral, a Igreja de São Lourenço (Grilos), o Paço Episcopal, a Igreja de Santa Clara, a Muralha Fernandina e o Funicular dos Guindais.

Baixa/ Aliados

A zona da Baixa/ Aliados, no mapa a cinzento, estende-se entre a Praça da República a Norte e a Rua das Flores a Sul, e entre a Rua Júlio Dinis a Este e a Rua da Alegria a Oeste. Abrange as freguesias de Massarelos, Vitória, Santo Ildefonso e Cedofeita, a Avenida dos Aliados, a Rua de Santa Catarina, o Mercado do Bolhão, a Torre dos Clérigos e o Hospital de Santo António.

Lapa/ Marquês

A zona da Lapa/ Marquês, no mapa a azul, estende-se entre a Quinta do Covelo a Norte e a Igreja da Lapa a Sul, e entre a Rua de Serpa Pinto a Este e a Rua de Santos Pousada a Oeste. Abrange as freguesias de Paranhos, Cedofeita e Santo Ildefonso, a Praça do Marquês de Pombal, a Rua de Santa Catarina e a Rua da Constituição.

Antas/ Campanhã

A zona das Antas/ Campanhã, no mapa a rosa, estende-se entre a Alameda das Antas a Norte e o Rio Douro a Sul, e entre a Rua de Santos Pousada a Este e a Praça da Corujeira a Oeste. Abrange as freguesias de Bonfim e Campanhã, as Fontainhas, o Cemitério do Prado do Repouso, o Museu Nacional da Imprensa, o Palácio do Freixo, o Parque de São Roque e o Estádio do Dragão.

Por enquanto, e para o desenvolvimento do protótipo do guia, foi pertinente escolher apenas uma das zonas, para que o investigador não se perdesse pela vastidão do território a explorar e se centrasse mais numa área de modo a estudá-la e analisá-la mais profundamente. A zona da Sé foi a escolhida para iniciar este projecto, as restantes zonas ficam para a continuação futura do mesmo.

A identificação da zona a explorar, combinada com o conhecimento no terreno através de contínuos passeios pela cidade, permitiu perceber ao pormenor as realidades muito próprias desses espaços do Porto.

Teoria da Deriva (Guy Debord) (ver Anexo 4)

Deriva: “Modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem brusca através de ambientes variados”.⁹

A Deriva é um dos comportamentos Situacionistas, tendo como um dos seus principais impulsionadores Guy Debord. Desenvolveu a Teoria da Deriva em 1958 e publicou-a no número 2 da revista Internacional Situacionista em Dezembro do mesmo ano.

Neste projecto a Deriva de Guy Debord é o principal método utilizado no estudo e exploração da cidade do Porto. Consiste numa técnica contínua percorrendo ambientes diversos, um comportamento de deambulação pela cidade, descomprometido, nela se imiscuindo para a descobrir. Tal como na obra de Charles Baudelaire¹⁰, a palavra *flâneur* assume este significado de “deambulante”, do ponto de vista psicogeográfico.

Os factores psicogeográficos e a adopção de um comportamento lúdico-construtivo influenciam de uma forma determinante a deriva provocando um efeito antagónico à ideia original de passeio.

A Teoria da Deriva de Guy Debord, de carácter tendencialmente citadino, pretende ultrapassar os métodos clássicos de assimilação do espaço urbano, e apresenta um novo tipo de observador – aquele que participa e toma parte, e não um simples espectador distante da realidade circundante.

Partindo de um lugar aleatório, dentro da zona em questão, devemos esquecer os motivos pelos quais nos deslocamos, para nos “deixarmos levar” pelas influências do meio, deixando que este crie os seus próprios caminhos, sem qualquer destino estabelecido.

⁹ *Internacional Situacionista – Antologia* (p.27)

¹⁰ Poeta Francês do século XIX

Na Teoria da Deriva existe uma contradição entre o “deixar-se ir” e o conhecimento e influências das variáveis psicogeográficas. Este conhecimento é fruto de uma experiência anterior, onde o observador apreende o que o rodeia.

A casualidade inerente à definição do trajecto é tanto mais influente quanto menor for a observação psicogeográfica do mesmo. O ser humano é tendencialmente conservador, existindo alguma inércia por parte do observador para alterar um trajecto que é já de si uma rotina. Esta é inicialmente determinada pelos factores psicogeográficos observados mais relevantes.

Por questões de viabilidade do presente projecto, foram delimitados determinados campos geográficos correspondentes às zonas anteriormente definidas (zonamento p.23), o que não quer dizer que não se possa ultrapassar por vezes os limites dessa zona. Sendo assim, a deriva é feita através da exploração directa de um determinado campo geográfico, deste modo pressupondo a definição das bases de trabalho e locais de entrada, através do estudo prévio de mapas. “O maior ganho que propõe a deriva é a diminuição constante desses limites, até à sua supressão completa”.¹¹ O observador deve assumir uma postura “antideterminista”.

Durante a deriva, o sujeito encontra-se livre das obrigações diárias, já que não tem nada à espera, oferecendo um modo de vida pouco coerente, um quotidiano mais criativo e diversificado, tal como o movimento situacionista propõe.

O objectivo único da Teoria da Deriva, fazendo recurso aos seus múltiplos comportamentos, é o de adaptar o Urbanismo, a Arquitectura e a Cidade, a um espaço onde todos os cidadãos estão convidados a construir um local de liberdade.

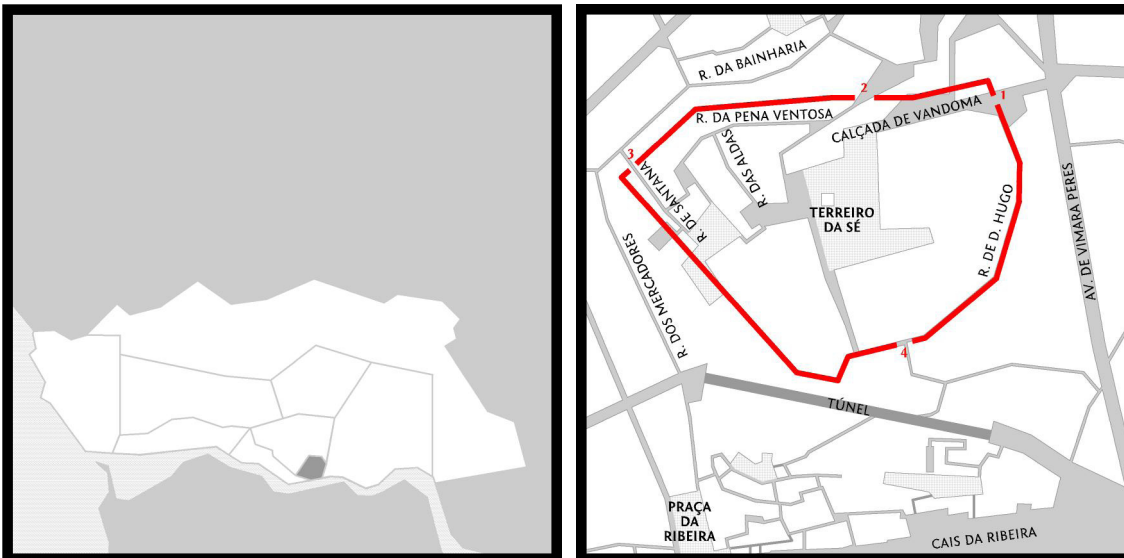
¹¹ DEBORD, 1958. *Teoria da Deriva*



Trabalho de Campo

Percursos (motivações)

A zona eleita para a continuação do desenvolvimento deste projecto e aplicação do trabalho de campo foi, como já referido, a zona da Sé. Esta escolha não se deu casualmente, pois para além de integrar parte da área classificada como Património Mundial pela UNESCO, também corresponde à parte mais antiga da cidade e ao interior da primeira muralha, a chamada Cerca Velha de origem romana e datada dos séculos III e IV d. C., com aproximadamente 750 metros de perímetro e com quase 4 hectares de área, e possuía apenas quatro portas: Porta da Vandoma (1); Porta de São Sebastião (2); Porta ou Arco da Sant'ana (3); e Porta da Nossa Senhora das Verdades (4).



Foi importante começar por esta zona, para perceber as origens e crescimento da cidade e todos os acontecimentos históricos que ajudam a melhor entender o presente.

A zona da Sé compõe-se por um labirinto de ruas e vielas, em que a atracção, o interesse e o deslumbramento se revelam ao virar de cada esquina, manifestando-se a quem por esta zona deambula com “olhos de ver”, por isso há que percorrê-las para bem as conhecer.

“Ora, para se conhecer bem uma qualquer terra, seja ela uma grande metrópole ou um simples lugarejo, há só uma maneira de o fazer: percorrendo-a a pé”.¹²

“A melhor maneira de ver o Porto, de descobrir os sortilégios desta cidade e a peculiar intuição da sua gente para um verdadeiro sentido humanístico da vida é andar por aí a pé”.¹³

Durante o trabalho de campo foram feitas derivas experimentais (ver Anexo 5), com o intuito de explorar e conhecer ao máximo a cidade, com um olhar muito atento para que nada passe despercebido. Tudo é importante e nada pode ser menosprezado, a entrada em lojas, cafés, restaurantes, barbeiros, cabeleireiros, alfarrabistas, livrarias, mercearias, minimercados, jardins, entre outros, é obrigatória. A interacção nestes espaços e principalmente as conversas mantidas com as pessoas que os frequentam, autênticos testemunhos, é ainda mais imprescindível.

À medida que o percurso vai avançando, vai-se construindo um outro mapa e uma série de registos fotográficos captados por uma Holga 120 vermelha. A escolha desta máquina para o registo durante as derivas deveu-se não só pelo fascinante carácter plástico da imagem, mas também por não ser um objecto valioso, que parece um brinquedo, ocorrendo mesmo o comentário: “essa máquina não é verdadeira”. (ver Anexo 6)

Este mapa vai sendo acompanhado por apontamentos e referências históricas que vão indicar quais as motivações que levaram à construção de determinado trajecto. O que nos

¹² SILVA, Germano, *Passeios pelo Porto de Outros Tempos* – badana, Editora Casa das Letras, 2006

¹³ SILVA, Germano, *Passeios pelo Porto de Outros Tempos*, p. 45

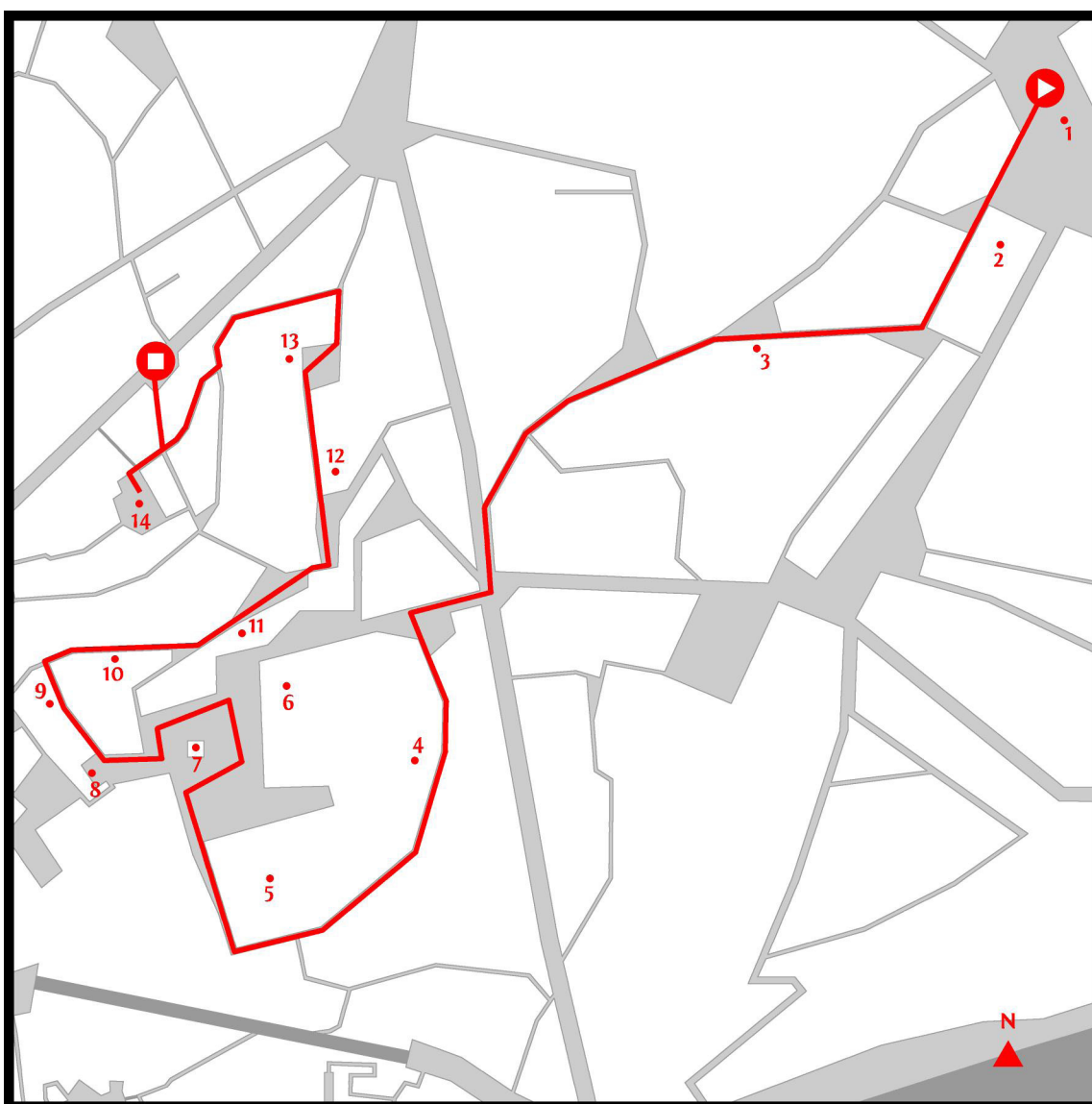
influenciou e nos levou a virar à direita e não à esquerda, a subir e não a descer, porque parámos em tal sítio, quais as razões que nos levaram a descansar num determinado banco, que condições nos fizeram entrar em tal espaço... Pensar que existem vários factores que nos conduzem e nos trazem sentimentos agradáveis ou não.

Todas estas derivas experimentais, apresentadas a seguir pela ordem com que foram sendo realizadas, servem para ajudar na decisão de outros percursos futuros e principalmente na construção do percurso final que irá ser apresentado no protótipo do guia.

Percurso 1

Início: Praça da Batalha

Fim: Rua de Mouzinho da Silveira



1 Praça da Batalha de frente para o **2 Teatro Nacional São João** seguiu-se pela esquerda pela Rua de Augusto Rosa até encontrar a Rua do Cativo à direita, desceu-se a rua e ao chegar a um pequeno largo encontrou-se a **3 Casa Alfredo**, uma petisqueira com a fachada azul, à entrada encontravam-se o Sr. Alfredo e o filho a assar sardinhas e alguns clientes, o cheiro já se fazia sentir no início da rua, um dos clientes convidou a entrar e mencionou a Casa Alfredo como sendo o “Santuário do Futebol Clube do Porto”. No interior, só existem duas cores o azul e o branco, as paredes repletas de cartazes do Futebol Clube do Porto, e ainda música ao vivo com o Sr. Fernando no saxofone e o Sr. Manel no órgão.

Continuando a descer pela Rua Chã até à Avenida de Dom Afonso Henriques atravessou-se para a Calçada da Vandoma, seguindo pelo lado esquerdo, pela Rua de Dom Hugo, o primeiro bispo da Diocese do Porto. Percorrendo esta rua encontrou-se do lado direito a **4 Casa Museu Guerra Junqueiro**, mais à frente já no final da rua o **5 Paço Episcopal**, actual casa do Bispo Dom Manuel Clemente. A rua termina no Terreiro da Sé, onde se encontra a **6 Sé Catedral** construída no século XII em estilo românico, tendo sofrido modificações entre os séculos XV e XVIII, e o **7 Pelourinho**.

Descendo para o Largo do Doutor Pedro Vitorino usufruiu-se de um **8 Miradouro** sobre a cidade e o Rio Douro, continuando pela Rua das Aldas, enfeitada a preceito por ocasião das Festas Sanjoaninas e onde era possível ouvir-se música popular vinda não se sabia bem de onde, encontra-se à esquerda a **9 mercearia da D^a Carolina**, aproximadamente a meio da rua, com sensivelmente 2m² de área interior, desde 1961. No final da rua, que desemboca na Rua da Pena Ventosa, seguiu-se para cima, onde um pouco mais à frente se encontrou à direita o **10 Café Detinha** e o Sr. Abel, frequentador deste café e actual morador nesta rua, mostrou as ruínas em frente, de onde se teve uma vista privilegiada para a Rua de Mouzinho da Silveira e para São Bento da Vitória. Neste local ainda, o Sr. Abel contou algumas histórias da zona.

Continuando nesta rua até à Rua de São Sebastião, à direita encontrámos a **11 Primeira Casa da Câmara**, local original da Câmara da Cidade do Porto, e onde ainda é possível observar parte do edifício. Subindo mais um pouco descobriu-se a origem da música que já se fazia ouvir desde a Rua das Aldas, um bailarico no pequeno largo que une a Rua de São Sebastião e o início da Rua Escura. Prosseguindo por esta rua, encontrou-se à esquerda a Travessa de São Sebastião, por onde se entra para o **12 Mercado de São de Sebastião**, aberto



de Terça-Feira a Sábado, das 06h30 às 13h00. Um pouco mais à frente a **13 Casa onde residiu Alexandre Herculano** em 1837, continuou-se pela mesma rua até encontrar à esquerda a Rua dos Pelames, percorrendo-a até à Travessa do Souto à direita, uma ruela demasiadamente estreita que vai dar ao **14 Largo Duque da Ribeira**, um largo recuperado há pouco tempo. Saiu-se do largo pela Rua do Souto e desceu-se até à Rua de Mouzinho da Silveira.

Percurso 2

Início: Praça da Batalha

Fim: Ponte D. Luís I



1 Praça da Batalha com o **2 Teatro Nacional São João** do lado direito, desceu-se a Rua de Augusto Rosa até ao Largo do Actor Dias, continuou-se pela Rua de Arnaldo Gama e surgiu do lado esquerdo o **3 Centro de Saúde dos Guindais**.

Começou-se a descer a rua, com a **4 Muralha Fernandina** a acompanhar o declive, pelo lado direito. Chegou-se às Escadas dos Guindais, descendo-as encontrou-se do lado direito o **5 Café/ Restaurante Guindalense F. C.** com uma esplanada com vista soberba sobre o Douro.

Continuou-se a descer até à Avenida Gustave Eiffel, já nesta Avenida do lado direito surgiu uma das entradas para o **6 Funicular dos Guindais**, e em frente deparou-se com o acesso ao tabuleiro inferior da **7 Ponte Luís I**.

Percurso 3 (Visita guiada pela Dr^a Manuela Pinto da Costa)

Início: Palácio da Bolsa

Fim: Praça da Ribeira



1 Palácio da Bolsa antiga Câmara do Comércio e Indústria, começou a ser construído em 1842 e demorou cerca de 68 anos, já na Rua Ferreira Borges desceu-se até à **2 Igreja de São Nicolau** do século XVII do estilo maneirista (arte simples). Subiu-se, novamente, até à **3 Praça do Infante**, assim denominada por se dizer que o Infante terá nascido nas proximidades e por ter uma estátua do mesmo, continuou-se a subir até ao **4 Instituto do Vinho do Porto** do lado esquerdo, onde o Vinho do Porto é certificado. Este edifício albergou o primeiro Banco do Porto. Do lado direito o **5 Mercado Ferreira Borges** que apresenta um excelente exemplo da Arquitectura do Ferro do século XIX, construído entre 1885 e 1888 para substituir o velho Mercado da Ribeira.

Tornou-se a descer até à Rua do Infante Dom Henrique, avançando surgiu do lado direito a **6 Casa da Moeda** de 1325, mais à frente do lado esquerdo a **7 Feitoria Inglesa** edificada entre 1785 e 1790 de estilo neo-palaciano, a sua planta aproxima-se da do Hospital de Santo António, revendo-se essas semelhanças logo na fachada. Continuou-se até à Rua dos Mercadores, um dos eixos viários da cidade que ligava a zona ribeirinha com o centro da cidade, desceu-se até à Rua de Baixo, subiu-se as Escadas de São Francisco de Borja até à Rua de São Francisco de Borja onde fica o **8 Largo do Padre Américo**.

Prosseguiu-se pela Rua do Barredo, desceu-se pela Travessa do Barredo até à Rua da Lada, e continuou-se até ao Cais da Ribeira, subiu-se em direcção à Ponte Luís I até à entrada do Túnel da Ribeira onde se encontrou o **9 Painele da Ribeira Negra** dos finais do século XX do Mestre Júlio Resende, uma homenagem às mulheres da Ribeira, à faina do Douro. Em frente observou-se a **10 Ponte Luís I**, projecto do Engenheiro Teófilo Seyrig, discípulo e colaborador de Eiffel, foi construída para substituir a Ponte Pênsil, e os **11 Pilares da Ponte Pênsil** concluída no início de 1843, que por sua vez substituiu a Ponte das Barcas.

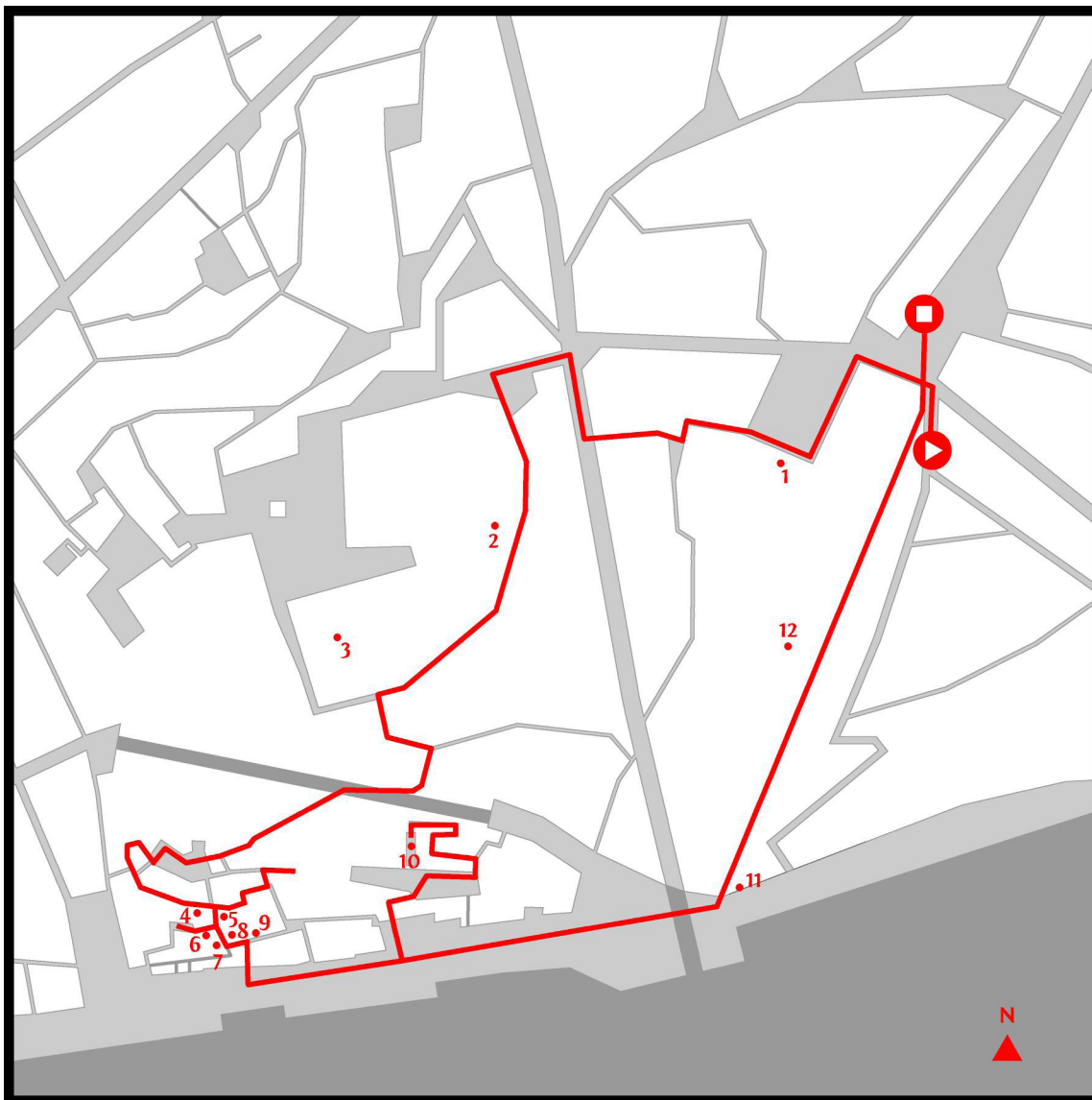
Voltou-se a descer novamente o Cais da Ribeira e à esquerda surgiu o **12 Memorial** que representa o desastre da Ponte das Barcas, continuou-se pelo Cais da Ribeira até à Rua da Fonte Taurina onde à esquerda se encontrou o **13 Postigo do Carvão** o único que resta da Muralha Fernandina, e regressou-se até à Praça da Ribeira, antigo Mercado da Ribeira onde tem o **14 Cubo da Ribeira**, escultura da autoria de José Rodrigues.



Percurso 4

Início: Largo do Actor Dias

Fim: R. de Augusto Rosa



Largo do Actor Dias seguiu-se até à Rua de Saraiva de Carvalho e virou-se à esquerda para o Largo de Primeiro de Dezembro, aqui encontrou-se a **1 Igreja de Santa Clara** concluída em 1457, com um interior todo em talha dourada da primeira metade do século XVIII. Seguiu-se pela Travessa de Santa Clara até à Avenida de Vimara Peres, virou-se à esquerda para a Calçada da Vandoma e novamente à esquerda para a Rua de Dom Hugo, sensivelmente a meio do lado direito encontrou-se a **2 Casa Museu Guerra Junqueiro**, mais à frente já quase no final da rua à direita o **3 Paço Episcopal** actual casa do Bispo Dom Manuel Clemente, e à esquerda desceu-se as Escadas das Verdades.

Continuou-se pelas Escadas do Barredo até ao Largo do Padre Américo, seguiu-se pela Rua de São Francisco de Borja, depois a Rua de Baixo onde se observou a **4 Torre da Rua de Baixo**, um dos edifícios mais antigos da cidade e único exemplar da arquitectura civil medieval. Prosseguiu-se pelo Largo do Terreiro, Travessa do Barredo até à Rua do Barredo, sem saída. Voltou-se para trás e desceu-se pelas Escadas do Barredo onde à esquerda se encontrou **5 Cozinha Doce** fabricante de bolos e doces caseiros, logo à direita surgiu a Viela do Buraco onde tem **6 O Restaurante da Alzira** com esplanada e onde pode comer um Bife confeccionado com Vinho do Porto.

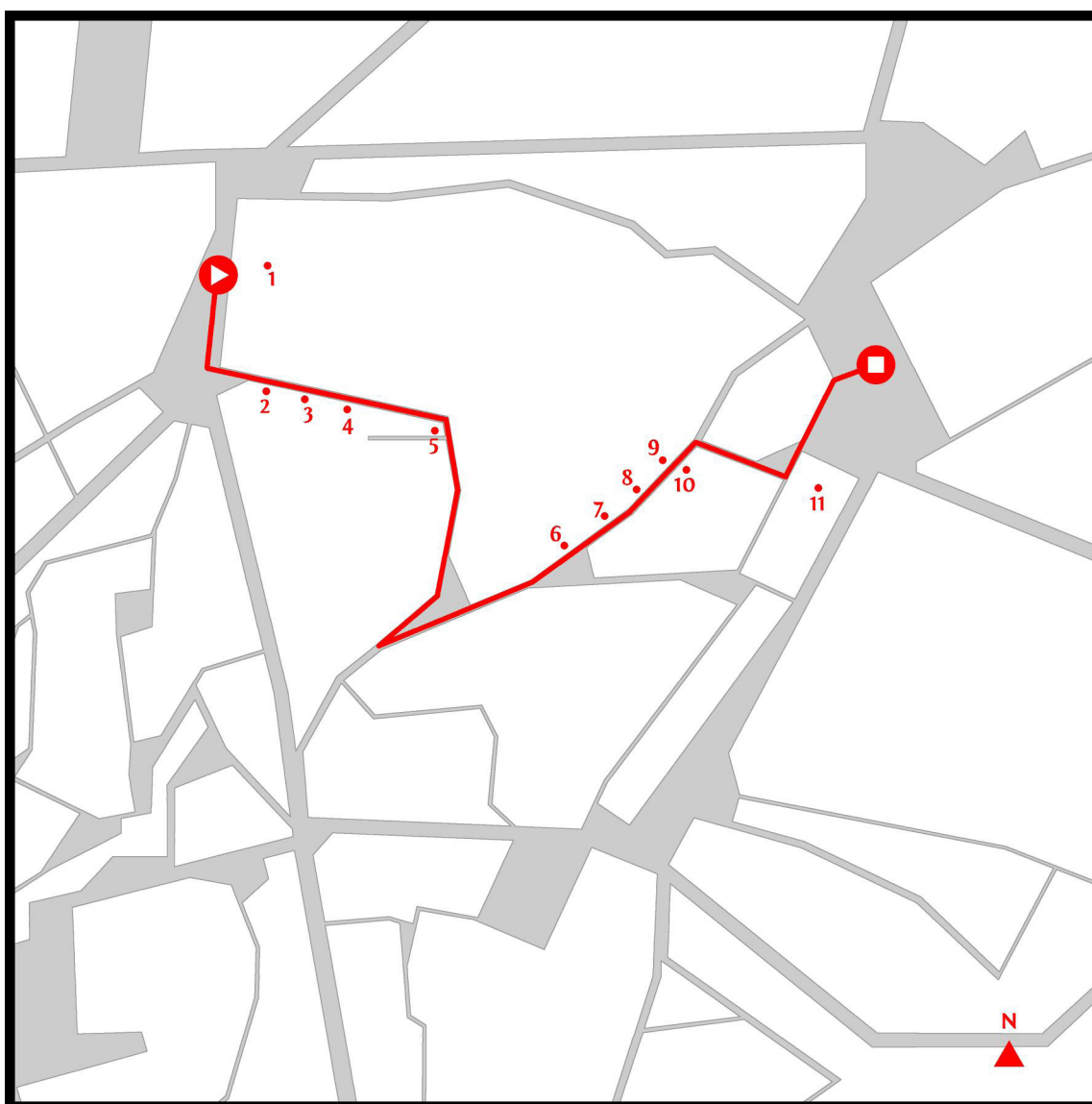
Continuou-se a descer pelas Escadas do Barredo até à Rua dos Canastreiros onde se encontrou à direita a **7 Taberna Cremilda Lima Santos** e à esquerda a **8 Taberna Filha da Mãe Preta**, mais à frente nesta rua à esquerda a **9 Petisqueira-Bar Granel**. Passou-se para o Cais da Ribeira e em direcção à Ponte Luís I virou-se à esquerda para o **10 Largo dos Arcos da Ribeira** onde se subiu umas escadas até uma estrutura de ferro (elevador) e se usufruiu de uma agradável vista sobre o Douro.

Regressou-se ao Cais da Ribeira e continuou-se em direcção à Ponte Luís I, por detrás dos Pilares da Ponte Pênsil e sobre o Rio Douro encontrou-se o **11 Fun Café** com esplanada. Avançou-se até à Avenida Gustave Eiffel e à esquerda subiu-se no **12 Funicular dos Guindais** acompanhado pela **13 Muralha Fernandina** do lado esquerdo, até à Rua de Augusto Rosa.

Percurso 5

Início: Estação de S. Bento

Fim: Praça da Batalha



1 Estação de São Bento uma estação ferroviária que marcou o início do século XX, é do Arquitecto Marques da Silva e o seu átrio está repleto de azulejos com relatos de acontecimentos históricos da autoria do Pintor Jorge Colaço, situa-se na Praça Almeida Garrett.

De frente para a estação seguiu-se pelo lado direito, pela Rua do Loureiro, logo no início desta rua surgiu a **2 Casa Arcozelo** uma charcutaria, logo a seguir a **3 Pastelaria A Serrana** conhecida por “a pastelaria das bolas grandes” (bolas de Berlim), depois uma **4 Loja de Chapéus** antiga.

Continuou-se e mesmo ao dobrar a esquina a **5 Oculista Confiança**, desceu-se até um pequeno largo e começou-se a subir pela Rua do Cimo de Vila. Já quase a meio desta rua encontrou-se o **6 Taaj Mahal** um restaurante Indiano-Paquistanês, um pouco mais acima a **7 Casa Vilela** do sapateiro José Vilela “Vilela: de mestre sapateiro a Pintor da noite”¹⁴, prosseguiu-se e no N.º. 63/ 67 a **8 Casa Crocodilo** de solas e cabedais tem um crocodilo embalsamado pendurado no tecto do estabelecimento.

Continuou-se a subir a rua e surgiu à esquerda um **9 Mini mercado Indiano** que vende produtos da Índia, Bangladesh, Nepal e Portugal, do outro lado da rua, ligeiramente mais acima a **10 Igreja da Ordem do Terço** que contém na fachada uma rosácea em forma de custódia, raro em Portugal.

Avançou-se pela Travessa do Cimo de Vila até ao **11 Teatro Nacional São João**, aí virou-se à esquerda para a Praça da Batalha.

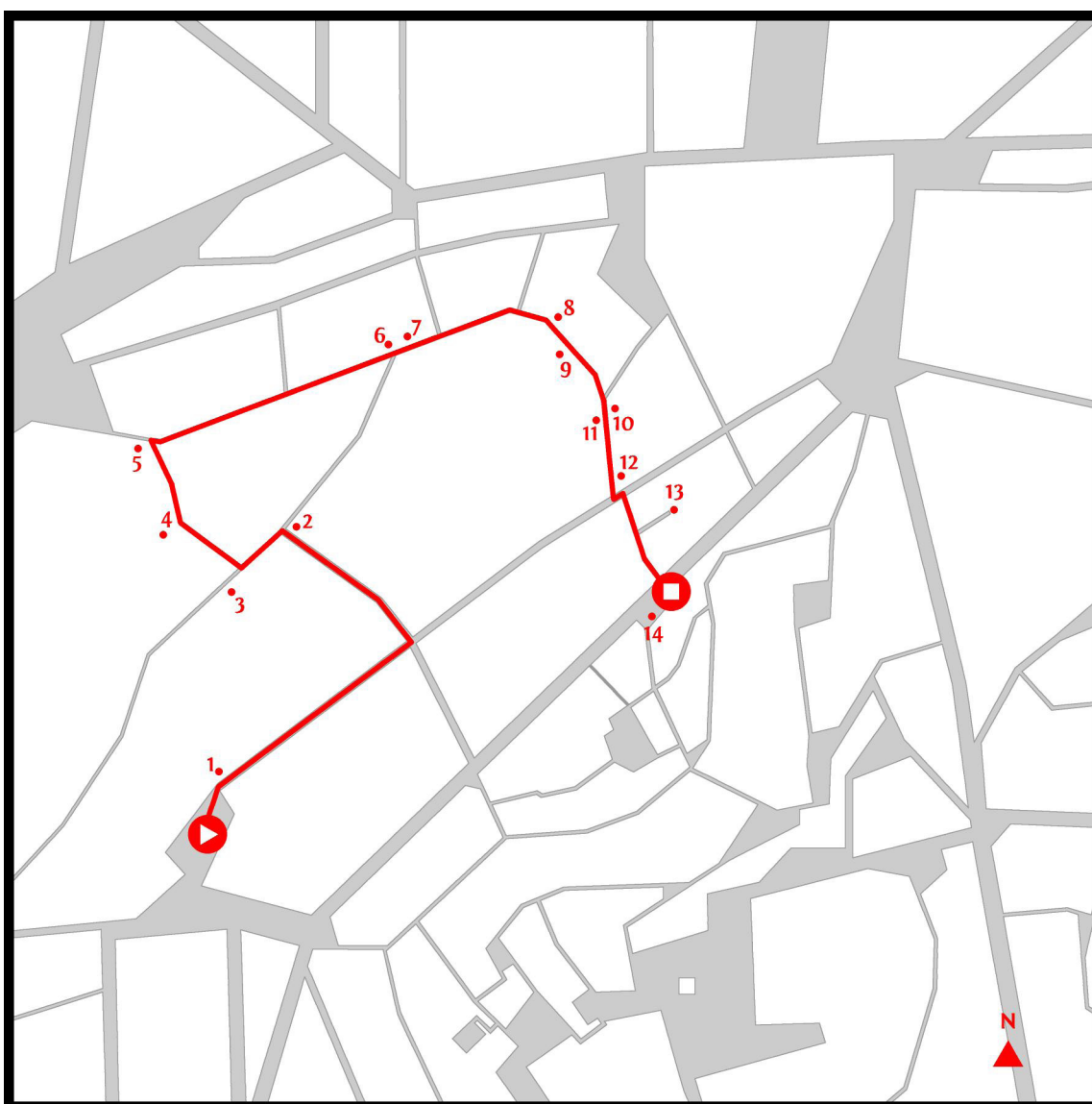
¹⁴ Artigo do Jornal “O Comércio do Porto” de 29 de Julho de 1985, p.8



Percurso 6

Início: Largo de S. Domingos

Fim: Rua de Mouzinho da Silveira



Largo de São Domingos seguiu-se em direcção à Rua das Flores onde logo no início se encontrou a **1 Igreja da Misericórdia** que foi reedificada por Nasoni em 1748 em estilo barroco com formas de rococó, avançou-se por esta rua até à Rua do Ferraz à esquerda, subiu-se até à Rua da Vitória e na intersecção das duas ruas o **2 Café Fénix**.

Virou-se para a esquerda até à Travessa do Ferraz, aí encontrou-se o **3 Instituto Português de Fotografia**, continuou-se a subir pela Travessa do Ferraz e sensivelmente a meio surgiu o **4 Oporto Poets Hostel**. Mais à frente, já na Rua dos Caldeireiros, à esquerda o **5 Oporto Poets Hostel I** com umas instalações mais recentes, prosseguiu-se pela direita na mesma rua, e mais à frente da intersecção desta com a Rua da Vitória o **6 Restaurante “Casa Rio Viseu”**, logo ao lado a **7 Capela de Nossa Senhora da Silva** datada do século XV.

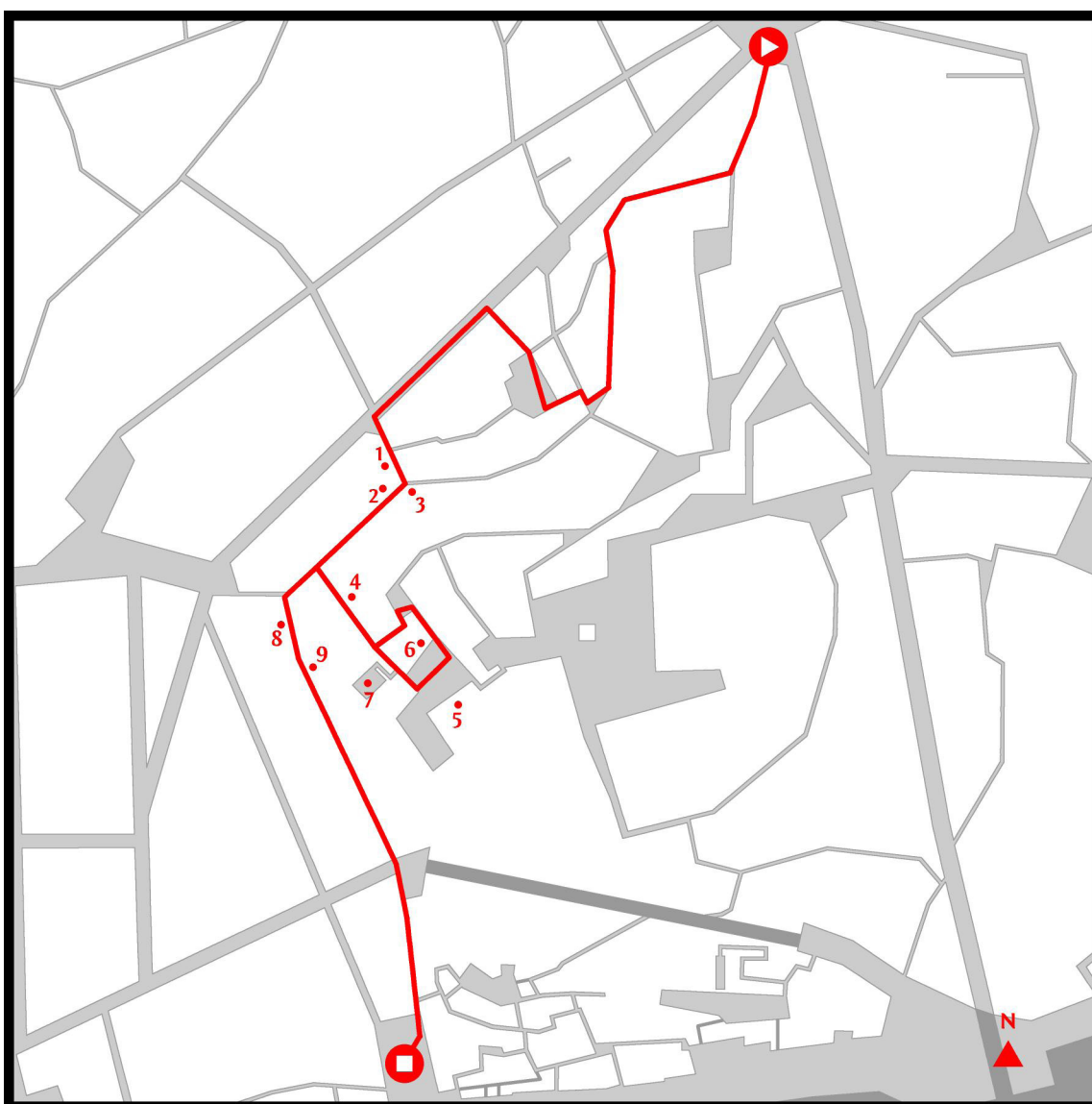
Começou-se a descer e encontrou-se à esquerda o **8 Restaurante Adega Vila Meã** e à direita o **9 Restaurante Novo Mundo**. Na intersecção desta rua com o Largo dos Lóios surgiu o **10 Restaurante Cozinha dos Lóios** e mesmo em frente a **11 Casa Neves** uma pichelaria com uma fachada diferente, mais à frente e do lado esquerdo o antigo estabelecimento **12 Bronzes D’Arte** o N.º. 6/ 8 com uma bela fachada.

Regressou-se à Rua das Flores e atravessou-se para a Rua de Afonso Martins Alho, onde sensivelmente a meio tem um beco sem saída e aí deparou-se com a **13 Adega do Olho é Aqui** onde se parou para almoçar uns filetes de polvo com arroz do mesmo. Prosseguiu-se até à Rua de Mouzinho da Silveira, e do outro lado da rua a **14 Fonte de Mouzinho da Silveira**.

Percurso 7

Início: Praça de Almeida Garrett

Fim: Praça da Ribeira



Praça de Almeida Garrett seguiu-se pela Travessa de São Sebastião e virou-se à direita para a Rua dos Pelames, desceu-se esta rua até a um pequeno largo onde se intersectam para além desta, a Rua Escura, a Rua do Souto e a Rua da Bainharia, prosseguiu-se pela Rua do Souto e virou-se logo à esquerda para o Largo Duque da Ribeira.

Desceu-se até à Rua de Mouzinho da Silveira e mais à frente à esquerda continuou-se pela Rua da Ponte Nova onde se encontrou a **1 Adega o Buraquinho da Sé**, na intersecção desta rua com a Rua da Bainharia uma **2 Oficina de Restauros – José D’Azevedo**.

Prosseguiu-se pela Rua da Bainharia e logo à direita surgiu a **3 Adega Gandarela**, avançou-se até à Rua de Santana, nesta do lado esquerdo uma **4 Mercearia**, mais à frente do mesmo lado continuou-se pela Travessa Sant’ana até ao Largo da Pena Ventosa. Passou-se para o Largo do Colégio onde se encontrou a **5 Igreja de São Lourenço** (Igreja dos Grilos) construída pelos jesuítas em 1577 no estilo maneirista barroco-jesuítico, em frente o **6 Restaurante Fado Menor**, nesse largo pode-se ainda usufruir de um miradouro com vista sobre a cidade.

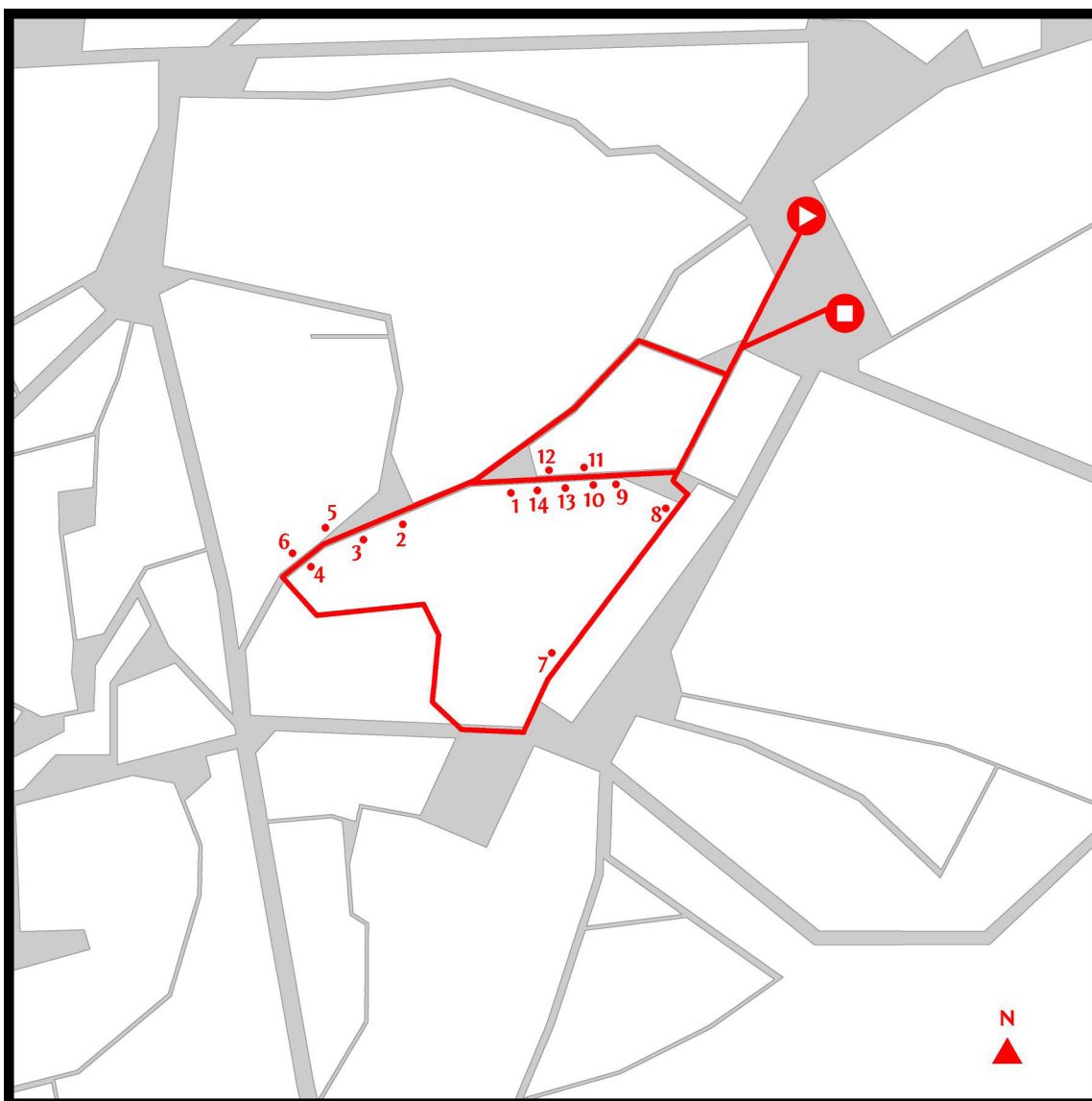
Avançou-se pela Rua de Santana e à esquerda surgiu um beco que vai dar aos **7 Balneários de Santana**. Regressou-se à Rua da Bainharia e prosseguiu-se até à Rua dos Mercadores, aqui à direita encontrou-se o **8 Restaurante Barrete Encarnado** e mais abaixo à esquerda o **9 Restaurante Casa Porto À Noite**, desceu-se esta rua até à Praça da Ribeira.



Percurso 8

Início: Praça da Batalha

Fim: Praça da Batalha



Praça da Batalha seguiu-se pela Travessa de Cimo de Vila, desceu-se a Rua de Cimo de Vila até um pequeno largo onde se entrou novamente na **1 Casa Alfredo**, continuou-se pela Rua Chã até outro pequeno largo, aí tem à esquerda a **2 Casa dos Fechos** – Nogueira e Ramos da Cunha, Lda estabelecimento de fechos, napas e fivelas. Logo a seguir a **3 Casa Soleiro** estabelecimento de solas e cabedais, ainda do mesmo lado da rua surgiu a **4 Farmácia Peninsular**, em frente a esta uma **5 Cabeleireira** e a antiga **6 Livraria Lopes da Silva**. Prosseguiu-se e deparou-se à esquerda com a Travessa da Rua Chã que vai dar à Rua de Saraiva de Carvalho mesmo em frente ao Largo de Primeiro de Dezembro.

Virou-se à esquerda para a Rua da Porta do Sol e aqui encontrou-se a **7 Casa Portuguesa** uma Adega ou “Casa de Pasto”, avançou-se e na intersecção desta rua com a Rua do Cativo o **8 Barbeiro Bugatti** antigo Salão Martins com aproximadamente 80 anos.

Desceu-se a Rua do Cativo e logo à esquerda **9 A Nossa Pensão**, a seguir o **10 Tropical** um bar, do outro lado da rua mais abaixo encontrou-se o **11 Hostal Triunfo** uma pensão/residencial, e ao lado o **12 Dormidas Flor do Cativo**. Em frente o **13 Almeida Gravador** estabelecimento de carimbos, gravuras e cortantes tipográficos e ligeiramente mais abaixo o **14 Silva Gravador** outro estabelecimento de carimbos e gravuras. Tornou-se a subir a Rua do Cativo até à Travessa do Cativo e prosseguiu-se até à Praça da Batalha.

Conclusão

A realização de todos estes percursos foi essencial para o conhecimento e entendimento aprofundado desta zona da cidade. Para tal, o bloco de notas e a máquina fotográfica foram indispensáveis.

A indeterminação e o pouco conhecimento da maior parte desta zona foram o desafio, o percurso ia-se delineando conforme o que ia aparecendo e ia-se arriscando por uma ou outra rua sem se saber onde ia dar ou até mesmo se tinha ou não saída.

Desde o início, a disposição, a curiosidade e a persistência foram fundamentais para percorrer rua a rua e entrar em quase todos os estabelecimento que iam surgindo. Entrar, falar, perguntar, sentir, consumir...

Contudo, existiram algumas limitações, tais como alguns estabelecimentos fechados, obrigando a voltar noutro dia ou a outra hora, bem como o facto de grande parte das ruas da zona em questão serem estreitas e de edifícios altos, o que só propicia um curto espaço de tempo para obter um bom registo fotográfico com a luminosidade correcta.



Localização e Integração no Percurso dos Pontos de Interesse

(ver Anexo 7)

Mapeamento (Percurso)

Este ponto contém o percurso final escolhido para o primeiro guia, pensado e estruturado para o mês de Junho.

Pretende-se que cada percurso seja construído de acordo com o mês a que se destina. Para tal, é também feito um levantamento de todos os acontecimentos importantes de cada mês, entre os quais as festas populares e a agenda cultural. O percurso é definido consoante estes eventos e a estação do ano, que podem determinar se o percurso vai ser feito a pé ou de bicicleta, na marginal ou no interior da cidade, ou até mesmo se é para ser feito de dia ou de noite. Por exemplo, na época natalícia, seria curioso um percurso nocturno, tirando assim partido da iluminação de natal.



No presente projecto o percurso apresentado é destinado para o mês de Junho, um mês marcado pelo maior evento de todo o ano no Porto, o São João. Uma festa de forte cariz popular comemorado de 23 para 24 de Junho, quando as ruas são invadidas por milhares de pessoas, numa grande festa que transforma esta na maior noite do ano, em que nem o povo nem a cidade chegam a adormecer.

Desde o início do mês as ruas enchem-se de ornamentações e iluminações festivas, ouve-se música popular e assiste-se a alguns bailaricos de rua, o cheiro a sardinhas assadas é incessante, a venda dos manjericos em qualquer rua da baixa e as cascatas sanjoaninas em alguns pontos da cidade fazem parte desta festa à qual os portuense aderem em força.

Este percurso, e uma parte em destaque ao São João do Porto apresentado no projecto prático (futuro guia), permitirá ao leitor conhecer a alma e o coração das gentes do Porto, através de uma experiência única que é a de viver a festa que melhor a define enquanto tal. Para além desta grande festa, que caracteriza este mês, acontecem outros eventos na cidade: Serralves em Festa; a Feira de Gastronomia e as Noites do Palácio.

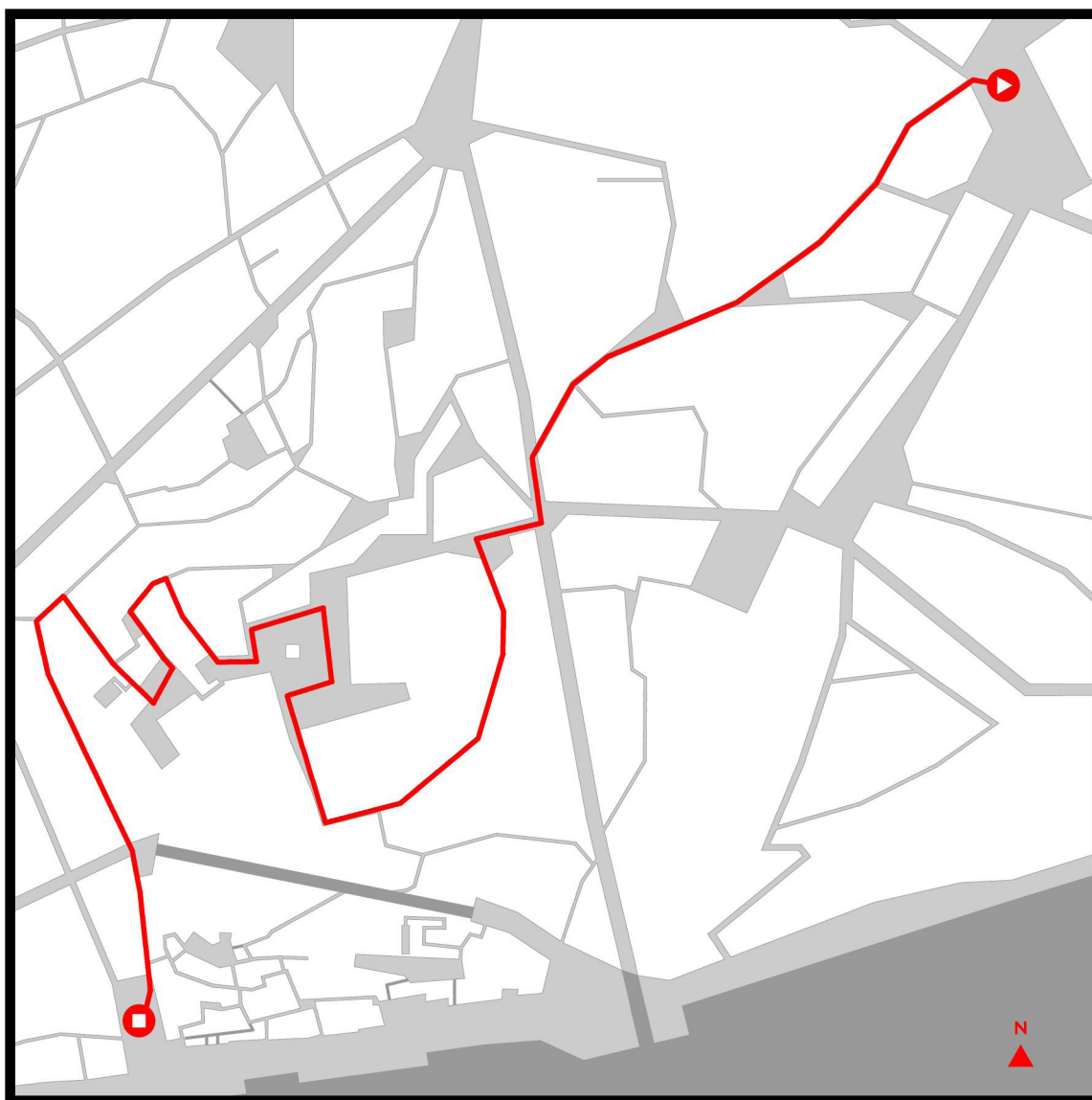
O percurso estruturado, para apresentar no protótipo do guia, tem como ponto de partida a **Praça da Batalha**. Desce da Praça da Batalha pela **Rua de Cimo de Vila** continuando pela **Rua Chã** até à **Avenida de Dom Afonso Henriques**. Atravessa esta avenida para a **Calçada da Vandoma** e segue pela **Rua de Dom Hugo** até chegar ao **Terreiro da Sé**. Desce para o **Largo do Doutor Pedro Vitorino** e continua pela **Rua das Aldas** até à **Rua da Pena Ventosa**, aqui desce para o **Largo da Pena Ventosa**. Passa para o **Largo do Colégio** e procede pela **Rua de Santana** intersectada pela **Travessa Sant'ana**, continuando pela **Rua de Santana** até à **Rua da Bainharia** que acaba no início da **Rua dos Mercadores** e desce esta rua até à **Praça da Ribeira**, ponto de chegada.

A opção pelo percurso proposto, no presente projecto, teve em atenção, entre outros, os seguintes critérios:

- 1) Atravessa a zona compreendida pela primeira muralha da cidade, portanto, abrange a parte mais antiga do Porto;
- 2) Do centro da cidade à zona Ribeirinha;
- 3) O início e o fim do percurso correspondem a lugares centrais e amplos do Porto;
- 4) Realização do percurso a pé;

5) A duração aproximada a 3 horas;

6) A disponibilidade de transportes públicos e parques de estacionamento nos locais de partida e chegada.



Pontos de Interesse

Todos os pontos de interesse que fazem parte do percurso apresentado no capítulo anterior são agora enunciados. Estes pontos de interesse referem-se a lugares que pelo seu carácter tradicional, genuíno, popular e antigo, valem a pena ser visitados ou revisitados.

Estão incluídos nos pontos de interesse tanto os “Novos Monumentos” como os Monumentos, já anteriormente reconhecidos como principais centros atractivos. Pretende-se, assim, valorizar e divulgar mais estes “Novos Monumentos”, para que se tornem igual ou preferivelmente em pontos de atracção.

Cada ponto de interesse, no guia proposto, é acompanhado por uma descrição, a sua história, as suas principais características e possíveis testemunhos do próprio espaço. Este relato sobre cada ponto é feito de modo a convencer o observador a entrar, a conviver e a experimentar. Se por acaso algum ponto de interesse possuir alguma especialidade ou produto típico, por exemplo doces regionais, essa especialidade ou produto vai ter uma parte do guia dedicado à sua exposição.

Para além dos pontos de interesse, também serão declarados pequenos pormenores ou curiosidades, históricos ou não, que possam surgir durante o percurso.

1 Praça da Batalha

Cinema Batalha

Inaugurado em 1947 e projectado pelo Arquitecto Artur Andrade, de estilo moderno semelhante a um navio, “um pacote de luxo”. É actualmente um espaço polivalente, possui dois auditórios: a sala de espectáculos e a sala bebé, mais pequena; dois bares e um restaurante com terraço. O Cinema Batalha substituiu o “Salão High Life” (desde 1908), um antigo e feio “barracão” dos filmes dos “cowboys”.

Teatro Nacional São João

Um dos principais edifícios da cidade, foi reinaugurado em 1920 com o projecto do Arquitecto Marques da Silva, depois de um violento incêndio em 1908 o ter destruído totalmente. Um edifício reconstruído com inspiração clássica que apresenta no friso do entablamento quatro figuras alegóricas representando a Bondade, a Dor, o Amor e o Ódio.

2 Casa Louro

Rua de Cimo de Vila, nº. 80 uma “casa de pasto” fundada em 1944 por António Alves de Sousa, tem como especialidades a sande de presunto e o prato “Presunto à Inglesa” (ovos estrelados com presunto e batata frita). O nome “Louro” vem do apelido ao Sr. António desde pequenino, por ser muito lourinho.





3 Barbearia Nasir Ahmad

Rua de Cimo de Vila, nº. 68 um estabelecimento que mistura duas culturas muito distintas, uma barbearia portuguesa agora dirigida por um Indiano que a decorou ao seu estilo.

4 Pensão Mondariz

Rua de Cimo de Vila, nº. 139. Pensão fundada em 1886 pelo espanhol Dionísio Barral, vai já na quarta geração, sendo dirigida actualmente pela bisneta Maria del Rosário Barral y Soto. Possui 34 quartos para uma, duas, três ou quatro pessoas, e está debruçada sobre o terminal da Estação de S. Bento, usufruindo de uma esplêndida vista sobre o interior da cidade.

5 Igreja da Ordem do Terço

Rua de Cimo de Vila. Do século XVIII, é de salientar a fachada decorada com elementos de estilo rococó, o janelão central rodeado por um terço cujo crucifixo está na parte de cima e que assume uma forma de resplendor, raro em Portugal.

6 Mini Mercado Poreshdhar

Rua de Cimo de Vila, nº. 75 aberto há seis meses, vende produtos da Índia, Bangladesh, Nepal e Portugal.

7 Casa Crocodilo

Rua de Cimo de Vila, nº. 63/ 67 estabelecimento de solas e cabedais aberto há sensivelmente 60 anos. Tem um crocodilo embalsamado suspenso no tecto mesmo à entrada. Já foi, em 1990, centro das atenções da Guarda Fiscal que queria apreender o crocodilo por ser uma espécie que pertence à fauna protegida e em vias de extinção. Tomás Coutinho, de 66 anos, na altura proprietário do estabelecimento, tinha comprado este animal há 40 anos a uma senhora que tinha uma vivenda na Avenida da Boavista, e recusou-se a dar qualquer documento e a que lhe levassem o crocodilo.

8 Casa Vilela

Rua de Cimo de Vila, nº. 59 Sapateiro José Vilela aberto aproximadamente há 70 anos. O sapateiro José Vilela passou a pintor de quadros, a sua principal temática são as paisagens nocturnas. “Vilela: de mestre sapateiro a Pintor da noite”.¹⁵

9 Henrique Alves Ferreira

Rua de Cimo de Vila nº. 51 loja de “sortido completo para artes de sapateiro, correeiro e tamanqueiro”, uma das casas mais antigas de comércio do Porto, quase centenária, e das poucas que se mantêm na família do fundador, actualmente gerida por Henrique Ferreira da Costa (Neto).

10 Taaj Mahal

Rua de Cimo de Vila, nº. 25 Restaurante Indiano-Paquistanês. A especialidade é Frango de Caril e Pão Rotti.

11 Casa Alfredo

Rua do Cativo, nº. 14 Adega à base de petiscos com a fachada em azul e o interior a azul e branco. É mencionada como o “Santuário do Futebol Clube do Porto”.

12 Casa Museu Guerra Junqueiro

Rua de Dom Hugo. Do século XVIII, foi projectada por Nicolau Nasoni, tendo disponível todo o espólio do poeta e escritor portuense Guerra Junqueiro.

13 Terreiro da Sé

Paço Episcopal

Casa do actual Bispo do Porto Dom Manuel Clemente.

¹⁵ Artigo do Jornal “O Comércio do Porto” de 29 de Julho de 1985, p.8





Sé Catedral, Claustro e Museu

Igreja mais importante da cidade, construída em meados do século XII em estilo românico, tendo sofrido modificações entre os séculos XV e XVIII, destaca-se na silhueta da cidade. No seu interior à direita um belíssimo claustro e a entrada para o Tesouro-Museu da Sé. No fundo da nave esquerda no interior da igreja, já no transepto, a capela do Santíssimo Sacramento, inteiramente em prata.

Pelourinho

Um deslumbrante trabalho em pedra do século XVI, símbolo de uma autoridade real entretanto desaparecida, servia tanto para a proclamação dos decretos reais, bem como para a condenação de criminosos.

Torre dos Vinte e Quatro

Nome dado à primeira câmara da cidade, reconstruída já no século XX mas uns metros ao lado da localização original.

Estátua do velho Porto

Obra do Mestre Pedreiro João da Silva, a estátua encontra-se de costas voltadas para a cidade e tem presente o símbolo desta, um dragão, séculos mais tarde adoptado como imagem do principal clube do norte, o Futebol Clube do Porto.

14 Miradouro das Aldas

Largo do Doutor Pedro Vitorino. Vista sobre a cidade e o Rio Douro.

15 Mercearia D. Carolina

Rua das Aldas, nº. 21. Desde 1961, com sensivelmente 2m² de área transitável, vende alguns produtos de primeira necessidade.

16 Restaurante Fado Menor

Largo do Colégio. Um restaurante sem horário definido, tem às segundas de tarde “Fado Vadio”. As especialidades são as “Tripas à moda do Porto” às quintas e o “Cozido à Portuguesa” aos Sábados.

17 Igreja de São Lourenço (Grilos) e Museu de Arte Sacra e Arqueologia

Largo do Colégio. Construída pelos jesuítas em 1577 no estilo maneirista barroco-jesuítico, financiados por doações de fieis e pelo Frei Luís Álvaro de Távora. Com a expulsão de Portugal dos jesuítas em 1759, por ordem do Marquês de Pombal, a igreja foi comprada

posteriormente pelos Frades Descalços de Santo Agostinho, estes, vindos de Espanha, instalaram-se inicialmente em Lisboa, no sítio do Grilo, onde ganharam a alcunha de “Frades-grilos”, daí actualmente a denominação “Igreja dos Grilos”.

É na fachada desta Igreja que se situa o único brasão em todo o País da Família Távora que resistiu à eliminação de todos os símbolos da Família que o Marquês de Pombal ordenou.

18 Miradouro de São Lourenço

Largo do Colégio. Vista sobre a cidade e o Rio Douro.

19 Balneários de Santana

Rua de Santana. Lavadouros públicos.

20 Restaurante Barrete Encarnado

Rua dos Mercadores. Desde 1975, este estabelecimento tem um dono transmontano, Sr. António Júlio Santos, e um nome ribatejano. O Sr. António possui uma vasta colecção de garrafas antigas de Vinho do Porto, Aguardente, Bagaço, Gin, entre outras, e as especialidades são o “Bacalhau Assado” e as “Tripas à moda do Porto”.

21 Restaurante Casa Porto à Noite

Rua dos Mercadores. Restaurante com uma pequena esplanada, a especialidade é o “Bacalhau à Porto à Noite”, bacalhau guarnecido com batata frita à rodela e cebolada por cima, e ao fim de semana à noite é ainda acompanhado de fado.

22 Praça da Ribeira

Antigo Mercado da Ribeira.

Cubo da Ribeira

Símbolo desta praça, escultura da autoria de José Rodrigues.

Fonte da Praça da Ribeira

Também apelidada de Fonte Taurina, pelo facto de os touros irem aí beber à água em tempos idos. A meio da fachada destaca-se a escultura de S. João da autoria de João Cutileiro.

Marcas de Cheias

Nas paredes desta praça encontram-se várias marcas de cheias do rio que têm ocorrido nos últimos anos. Em particular, entre o número 17 e 18.



Teste do Percurso

Após vários testes ao percurso proposto e a sua adequação ao terreno, foi possível identificar alguns erros e falhas, tais como o ajuste dos horários de funcionamento dos diversos estabelecimentos, a imprecisão da nomenclatura de algumas ruas e a inclusão de informação útil em falta. Foi também possível estimar um tempo médio da duração do percurso.

Foi observado que parte deste percurso coincide com o Caminho Português de Santiago, trajecto percorrido desde o século IX por peregrinos a caminho da cidade de Santiago de Compostela.

De salientar também que o objectivo não é o de que a atenção se foque exclusivamente nos pontos de interesse sugeridos, mas que o observador não deixe de reparar em todos os pormenores envolventes.

Projecto Prático (Guia)

(ver Anexo 8)

O projecto prático consiste num guia gratuito da cidade do Porto, pretende traduzir as ideias patentes na presente dissertação num suporte físico e transportável, conduzindo, aconselhando e orientando o observador em busca do que cada zona da cidade tem de mais intrínseco, familiar e íntimo.

A parte fundamental deste guia é o passeio disponível, um percurso, conforme já foi dito anteriormente, que pretende valorizar e reanimar tudo aquilo que passa despercebido ou parece estar adormecido. Assim, o guia convida o portuense ou o turista a visitar ou visitar a cidade direccionando-o para locais onde provavelmente nunca foi, nem nunca tomaria a iniciativa de ir, e abordando curiosidades históricas superficial mas objectivamente. Apela a uma nova forma de olhar a cidade.

O percurso a pé foi o privilegiado, na medida em que este valoriza a observação da paisagem urbana, tornando a sequência de ruas numa realidade espacial contínua. É debruçando-se, aliás, naquilo que é visto da rua, que sobressai uma realidade física, humana e social, patente no guia.



O objectivo é criar um objecto atraente, interessante, útil e claro, para que este não seja usado e depois deitado fora, a intenção é que funcione como objecto de colecção, tanto pelos conteúdos como pelo design da imagem. Suportará uma grelha editorial adequada ao leitor urbano.

Assim, e por se pretender uma utilização deste guia em pleno campo, foram-lhe inculcadas características de portabilidade e flexibilidade para o adequar a esse fim, como o funcional formato A5 e uma capa que se pretende plastificada, ainda em estudo.

Um guia de periodicidade mensal, disponível em duas línguas (português e inglês). Será um objecto de distribuição gratuita, portanto estará à disposição em locais como lojas, bares, restaurantes, hotéis, *hostels*, pousada da juventude, galerias, museus, entre outros, estando assim ao alcance de qualquer turista ou habitante transeunte, que pode pegar nele e levá-lo.

Este guia propõe revolucionar a forma de expressão de publicidade e a divulgação da riqueza da cidade, orientando o observador por caminhos do presente e evocando o passado, para que este conheça melhor o Porto. Pretende assim propagar os valores intrínsecos da cidade, históricos, humanos e sociais, aos seus próprios habitantes e mesmo para quem só visita o Porto esporadicamente.

Conceito

O guia apresentado oferece uma forma diferente de conhecer a cidade, tanto pelos conteúdos como pelo objecto em si. Pretende, essencialmente, divulgar, promover e dinamizar as ruas e comércio do Porto. Ambiciona ser imprescindível para quem vive ou visita o Porto.

Para além de ser uma fonte de informação, é também uma forma de orientação e inspiração para quem está interessado em conhecer a cidade.

É um guia de novidades e sugestões. Novidades, não tanto no sentido de mostrar o que é novo, mas sim pelo facto de o observador não estar a contar com o que lhe vai ser apresentado, ficando surpreso ao deparar com ruas e espaços invulgares da cidade. Tenciona,

pois, abrir o campo de exploração da cidade, não restringindo o observador à Rua Santa Catarina e aos monumentos mais atractivos.

Como uma forma de crescimento e valorização da cidade do Porto, concebe uma aproximação entre o observador e a cidade, criando estratégias aliciantes de promoção e estimulando o interesse na procura dos diferentes espaços.

O guia apresenta um passeio e ao mesmo tempo vai sugerindo espaços, permitindo uma circulação livre por parte do observador, em que este só entra nos espaços propostos por livre e espontânea vontade. Proporcionar de uma forma gratuita um conhecimento mais sincero da cidade.

Público-Alvo

É importante ter em atenção o perfil do público-alvo do presente guia. A quem falar?

Tenciona expandir-se ao público mais vasto que for possível, homens e mulheres sem limite de idade, com um perfil alternativo, aberto a este tipo de vivência, que pretende ser demarcada da experiência em grupo.

Direccionado para um público com espírito curioso, aventureiro, socialmente consciente e interessado em estar sempre informado do que vale a pena conhecer. Para pessoas que gostam de se manter ligados e usufruir do espírito autêntico portuense, actualizados em relação a novos espaços sabendo objectivamente quando, como e onde ir.

Um espaço de e para pessoas originais, “open minded”, que gostam de se divertir, com um carácter urbano, mas que valorizem a cidade rua a rua e apreciem a vida de bairro. Dirija-se a residentes do Porto e arredores, e a turistas nacionais e internacionais.

Estrutura

Identidade (nome)



TRIPAS

TRIPEIRO

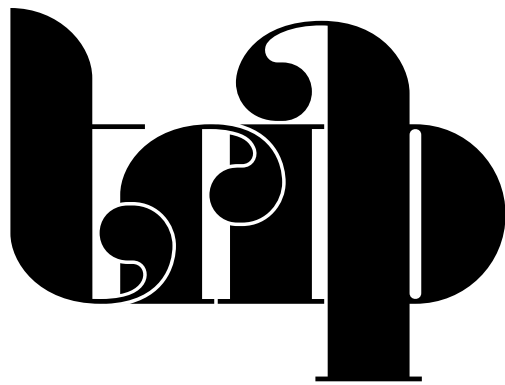
TRIP

TRIP, do inglês *trip*: passeio, viagem, excursão, jornada, mas também de uma forma contraída das palavras *Tripas* (à moda do Porto), prato típico da cidade do Porto, e *Tripeiro*, indelével alcunha do habitante do porto, como anteriormente referido sem intenção pejorativa, mas, pelo contrário, motivo de orgulho pelo gesto magnânimo de tempos idos.

TRIPAS E TRIPEIRO destacam-se das palavras soltas acima referidas – todas características de uma identidade muito própria – pois albergam em si um conjunto de sensações e emoções que definem por si só o verdadeiro portuense.

Por estes motivos o título desta dissertação bem como o nome do guia proposto, assume e integra o conceito de passeio pelas ruas da cidade tripeira.

(logo)



Tipologia da Capa

Como primeiro contacto com o leitor, a capa desempenha um papel muito importante, deverá ser apelativa e estimulante para despertar a atenção e levar o sujeito a pegar nele e folheá-lo.

A ideia é variar a capa em todas as edições do guia, portanto, em cada mês surgirá um guia, e cada guia com uma capa e um percurso diferente.

Sendo a capa o invólucro do guia, surgiu a vontade de adequar algo que também servisse de revestimento e que ao mesmo tempo estivesse conotado com a cidade, como é o caso do Azulejo.

O Azulejo é um dos materiais elementares na imagem e fisionomia da cidade do Porto. São quadrados de cerâmica que continuam no tempo desvendando as técnicas, os estilos e os gostos de cada época.

Os grandes painéis que narram histórias e representam cenas épicas, que revestem as igrejas e monumentos, não interessam para aplicar na capa do guia proposto, importam sim, os de motivos repetidos e variados que animam fachadas e embelezam casas comuns, anónimas, distinguindo-as umas das outras.

Os jogos de azulejos enaltecem a paisagem urbana, tornando-a repleta de cor, de vida, de sentido e de brilho sob uma luminosidade difusa e multicolor como é a do Porto.

Assim, a capa será composta por um padrão de azulejo, e este será retirado da fachada de uma casa que faça parte do percurso apresentado no guia em questão.



Conteúdos

O guia será estruturado da seguinte forma:

1) **Editorial;**

2) **Índice;**

3) **Texto Introdutório do Guia;**

TRIP, do inglês *trip*: passeio, viagem, mas também de uma forma abreviada das palavras *Tripas* (à moda do Porto), prato típico da cidade do Porto, e *Tripeiro*, indelével alcunha do habitante do Porto, dá o nome a este guia que garante não ser mais um.

Apresenta-lhe uma forma de descobrir as realidades e vivências puras da cidade, através de um percurso a pé, que salienta as características genuínas e tradicionais da cidade, o quotidiano, as pessoas, as estórias e as histórias do Porto que se espalham por ruas, ruelas, escadarias estreitas, irregulares e íngremes, cheias de riqueza, expressividade e modéstia. Valorizando, assim, a observação da paisagem urbana e proporcionando a aproximação entre o observador e a cidade.

Sugere-lhe uma circulação desprendida sem nunca se limitar ao percurso e aos pontos de interesse apresentados. Proporciona-lhe de uma forma gratuita um conhecimento mais sincero da cidade e pretende animar e vivificar as ruas do Porto.

4) **Resumo do Percurso** (localização espacial e temporal);

PASSEIO PELAS ORIGENS

“Isto a bem dizer, os clientes aqui alguns, se calhar já é uma família, a confiança é tanta, as pessoas a bem dizer é um ponto de encontro, lancham e ‘tão aí na conversa.” *Paulo Tavares empregado da Casa Alfredo*

Partindo da Praça da Batalha, desce-se sempre, atravessa a Cerca Velha, centro do percur-

so, continua pelo primeiro eixo de ligação do centro da cidade à zona ribeirinha e termina na Praça da Ribeira.

Neste mês ocorre a festa que melhor caracteriza a cidade, as ruas por onde o percurso passa estão decoradas a rigor e animadas com pequenos bailes de rua.

Fica um desafio: descobre o azulejo da capa numa das fachadas do percurso...

5) Percurso acompanhado pelo mapa, com indicação do início, fim e pontos de interesse, por imagens respeitantes a locais do percurso, e pela descrição de tudo o que vai aparecendo e acontecendo durante o passeio;

6) Particularidade ocorrida no percurso;

“Casa Alfredo”

É uma Adega mais à base de petiscos “uns lanchezinhos”, com “à vontade mais de 60 anos”. “Um fígado, um rojão, um bolinho. Sempre feito”.

Uma fachada totalmente azul e no interior só existem duas cores o azul e o branco, é considerada o “Santuário do Futebol Clube do Porto”. Nas paredes do interior uma colecção de cartazes emoldurados do F.C.P. que foram ao longo dos anos oferecidos por clientes da casa. O Sr. Alfredo não os vende por preço nenhum, “faz parte da história da casa”. “Isto é uma casa de portistas”.

Desde que o Sr. Alfredo tomou conta da casa, antiga “Casa Carvalho”, mudou logo o modo de tratar os clientes, assim começou a ter mais “clientela”. “Começou a haver mais aconchego”. O Sr. Alfredo tinha uma caixa onde juntavam dinheiro, cada um punha 20\$/ 50\$ por semana, quando alguém precisava o dinheiro emprestava-se, no fim do ano o dinheiro era revertido a favor do grupo.

Tem como especialidade o bacalhau servido no prato, com azeitonas, cebola, azeite e vinagre por cima e um bocadinho de broa ao lado. E um prato estabelecido para cada dia



da semana: Segunda - Grão de bico com bacalhau cozido; Terça - Arroz de ervilhas com sardinha ou carapau; Quarta - Tripas à moda do Porto; Quinta - Frango do campo com massa; Sexta - Feijão fradinho com bacalhau; Sábado - Massa de bacalhau.

“Há sempre rojões quentinhos, chispe cozido, chouriça de Arouca...”. O Sr. Alfredo é de Arouca e tudo o que pode traz desta terra. “É mais fresco e saboroso, o sabor é outro”.

Neste mês de Junho é habitual assarem-se sardinhas à porta e alguns clientes habituais tocam umas músicas. “Não é pelo dinheiro, é mais pela festa”.

“Isto é um convívio que se faz e há muito respeito acima de tudo e é o importante hoje em dia”.

Horário: 8h às 20h

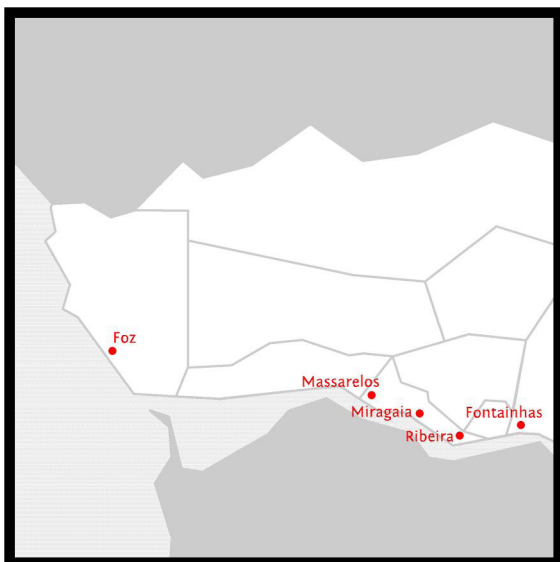
7) Um evento decorrido no mês em questão;

São João

Considerado o maior evento de todo o ano no Porto. Uma festa de forte cariz popular comemorada de 23 para 24 de Junho, quando as ruas são invadidas por milhares de pessoas, numa grande festa que transforma esta na maior noite do ano, em que nem o povo nem a cidade chegam a adormecer.

Dos símbolos tradicionais desta festa popular em honra ao santo padroeiro da cidade, S. João Baptista, são de destacar os manjericos com quadras sanjoaninas, plantas em vaso que devem ser cheiradas esfregando nestas a mão, os martelinhos, apetrecho essencial do folião que servem para “bater” na cabeça de quem passa, o alho-porro para passar pela cara das pessoas que passam, o que não é muito agradável, os balões multicolor, que na noite são lançados para o céu, propiciando um deslumbrante jogo de pontos de luz, as cascatas sanjoaninas, os bailaricos ao ar livre e as sardinhas assadas.

À meia-noite começa o fogo de artifício sobre o Rio Douro, mas durante toda a noite existem vários arraiais em diferentes pontos da cidade, Fontainhas, Ribeira, Miragaia, Massarelos e Foz, com concertos de música popular. Normalmente o trajecto percorrido inicia-se nas Fontainhas, segue o rio até à Foz e termina com o nascer do dia numa das praias.



8) **Mapa geral da zona com informação útil** (farmácias, polícia, correios, parques de estacionamento, postos de saúde e hospitais, meios de transporte).



Conclusão

O âmbito deste projecto define-se pela busca de um Porto não tão conhecido, através da aplicação da Teoria da Deriva, desenvolvida por Guy Debord como parte integrante do movimento Internacional Situacionista, nas ruas desta cidade.

Primeiramente, a limitação geográfica do espaço a investigar, o território da cidade do Porto. Avançando, e devido à complexidade inerente ao estudo de uma cidade da extensão e história do Porto, a sua subsequente divisão em oito parcelas de dimensões mais realistas para um estudo aprofundado da realidade dos vários locais.

A necessidade da elaboração deste projecto prende-se sobretudo com a ausência de um documento de características similares ao que agora se pretende. Mas não só. Conciliar toda uma informação não filtrada, assimilada em estado bruto, na fonte, e mais tarde trabalhada com o intuito de propagá-la num único objecto, um dispositivo visualmente estimulante.

A cidade do Porto é dada a conhecer de uma forma intencionalmente diferente, atípica. Esta tem início nas vivências do quotidiano, nas pessoas, na tradição, nos estabelecimentos comerciais, nas histórias, e pretende quebrar com a excessiva atenção prestada aos grandes monumentos da cidade, deslocando-a e difundindo-a por vários pontos com manifesto interesse, mudando a assim a percepção e os contornos que o leitor tem da cidade.

Objectivo

Na preparação e elaboração deste projecto estiveram presentes vários objectivos, com o fim último de que esta cidade retome a vida de outrora, entretanto deslocada para zonas periféricas.

- 1) Mudar a percepção da imagem da cidade;
- 2) Desvio e subversão dos principais centros de atracção;
- 3) Reanimação e valorização de todo um comércio tradicional;
- 4) Dinamização de ruas e divulgação de eventos de cariz variado;
- 5) Levar o leitor a locais onde provavelmente nunca foi ou que muitas vezes lhe passaram despercebidos;
- 6) Transformar realidades desconhecidas da cidade em “novos monumentos”.

Como descobrir e divulgar estas realidades? (Metodologia)

Um guia em forma de percurso (**como divulgar**) – passível de ser incorporado numa prática do Design da Imagem. Não pretende ser mais um guia do Porto. Guia, sim, mas aplicando um inovador conceito de passeio, uma visão diferente da cidade, que valoriza espaços, ruas e estabelecimentos, pouco comum de se ouvir falar.

Para descobrir foi usada, como citada anteriormente, a Teoria da Deriva de Guy Debord. Para tal, foi necessário reduzir a área a explorar (**como descobrir**), dividindo o território da cidade do Porto em oito zonas: Foz; Boavista; Lordelo do Ouro; Ribeira; Baixa/ Aliados; Sé; Lapa/ Marquês; e Antas/ Campanhã. Para a continuação do desenvolvimento do projecto e do conseqüente trabalho prático, a zona da Sé (desde a Estação de São Bento e a Praça da Batalha a Norte até ao Rio Douro a Sul, e desde a Rua das Flores a Este até às Fontainhas a Oeste) foi a escolhida pelo seu significado histórico, como já foi referido. Importa desde já deixar claro que todas as restantes zonas não exploradas até então neste projecto, terão o seu desenvolvimento e análise com a continuidade do mesmo, nas edições futuras do guia agora proposto.

Trabalho de Campo

No terreno, foram postas em prática as orientações anteriormente estudadas, na óptica de uma observação participante.

- 1) Realização de derivas – “andar ao acaso pelas ruas da cidade”;
- 2) Construção de mapas;
- 3) Reportagem fotográfica;
- 4) Conversas e entrevistas a moradores, comerciantes e a transeuntes;
- 5) Teste ao percurso escolhido.

“A Gente mete por uma dessas ruas ladeadas, que não se sabe bem onde irá acabar, deixa o tempo correr ao sabor dos passos errados e está a dar corpo a um passeio todo feito de saudades e lembranças”.¹⁶

Projecto Prático

A componente prática do projecto pretende traduzir todas as ideias abordadas até aqui num suporte físico apelativo, disponibilizando e convidando o leitor a seguir um percurso da zona da cidade em estudo, com informação relativa a vários pontos de interesse que vão surgindo sequencialmente no percurso. A selecção destes pontos de interesse teve em consideração a altura do ano e os acontecimentos mais importantes do mês corrente, bem como focos de comércio tradicional e associados a lugares – comuns do quotidiano dos habitantes locais.

¹⁶ SILVA, Germano, *Passeios pelo Porto de Outros Tempos*, p.45

Trabalho em Desenvolvimento e Projectos Futuros

A estrutura gráfica deste guia, bem como alguns dos seus conteúdos, encontram-se ainda em desenvolvimento, sendo esta primeira versão apresentada um protótipo.

Este projecto pretende ir mais além dos parâmetros académicos. Ambiciona ser um guia gratuito de periodicidade mensal, com um percurso diferente em cada guia. Por isso, depois do desenvolvimento desta versão inicial segue-se a procura de vias para a eventual publicação do objecto, com o possível apoio de uma editora e gráfica já presentes no mercado, bem como passando pela angariação de patrocínios institucionais e privados. Está prevista também a edição online do guia numa plataforma interactiva, e não um simples PDF.

O desafio é agora conseguir desta forma que o guia chegue até aos portuenses e não só, para que marque a diferença.

Bibliografia

DEBORD, Guy - A Teoria da Deriva. Texto originalmente publicado no nº 2 da Revista Internacional Situacionista em Dezembro de 1958.
<http://i-situationniste.blogspot.com/2007/04/theorie-de-la-derive.html> (Abril, 2009)

FERNANDES, Paula Ferreira – Imprensa Gratuita. Briefing, 14/ 03/2008. Artigo.

GRAÇA, Marina e PIMENTEL, Helena – Seis Percursos pelo Porto Património Mundial. Edições Afrontamento, 2002. ISBN: 972-36-0583-X.

HENRIQUES, Júlio - Internacional Situacionista – Antologia. Organização, tradução, notas e prefácio a partir da edição Van Genneep, Amesterdão, 1970. Lisboa 1997, Edições Antígona. ISBN: 972-608-088-6.

SILVA, Germano - Passeios pelo Porto de Outros Tempos. Casa das Letras 2.^a edição, 2005. ISBN: 972-46-1605-3.

SILVA, Germano – Porto Caminhos e Memórias. Casa das Letras 1.^a edição, 2006. ISBN: 972-46-1663-0.

SILVA, Germano – Porto: Da História e da Lenda. Casa das Letras 2.^a edição, 2008. ISBN: 978-972-46-1723-7.

SILVA, Germano – Porto nos Atalhos da História. Casa das Letras 1.^a edição, 2009. ISBN: 978-972-46-1897-5.

SILVA, Germano – O Porto a pé – Um guia para o ajudar a descobrir a cidade. Edição Jornal de Notícias/ Portgás, 2007. ISBN: 978-989-20-0689-5.

TAVARES, Vítor – Não-lugares na cidade do Porto. Dissertação do Mestrado em Arte Multimédia, 2007.

ZAPPATERRA, Yolanda – Editorial design. Laurence King Publishing Ltd, 2007. ISBN: 978-1-85669-433-9.

Guias e Revistas

BY PASS, urban activity – Revista de bolso (magazine + agenda + bloco), 2006. (publicação descontinuada)

CONVIDA - Guia Lisboa de divulgação e promoção do comércio de locais com história e tradição. Semestral, 2003.

DIF – Revista Mensal de Tendências e Guia Cultural Gratuito, 2002.

GLED – Guia de Lazer, Espaços e Design, bimestral, 2009.

GUIA SENTIDO - anual, 2008.

LE COOL - Revista semanal gratuita, online (enviada por email).

LE COOL - A weird and wonderful guide to Lisbon, Junho de 2008.

PARQ – Revista Gratuita Mensal de Moda e Cultura Urbana, 2008.

PRAZA - Prozine gratuita semestral sobre fotografia contemporânea, moda e lazer, 2008.

SEARCH MAGAZINE – O seu guia urbano gratuito. Edição Porto – Lisboa, 2004. (publicação descontinuada)

UM CAFÉ – Revista Gratuita de café. Original, Culta e Elegante. Mensal, 2008.

PORTO – Mapa Turístico. Posto de Turismo da Câmara Municipal do Porto, 2008.

Webliografia

http://pt-br.protopia.wikia.com/wiki/Teoria_da_Deriva (Abril, 2009)

www.derivaurbana.blogspot.com (Maio, 2009)

www.nao-lugares.com (Maio, 2009)

www.walks.com (Junho, 2009)

www.difmag.com (Outubro, 2008)

www.parqmag.com (Outubro, 2008)

www.lamilk.com (Janeiro, 2009)

www.anuarioarte.com (Janeiro, 2009)

www.55mag.com (Janeiro, 2009)

<http://andisstillmissyou.com> (Janeiro, 2009)

www.revolverlover.net/anti.asp (Janeiro, 2009)

www.amai-amai.be (Janeiro, 2009)

<http://bajigurkreatif.blogspot.com> (Janeiro, 2009)

www.maps.google.pt (desde Fevereiro, 2009)

www.guiasentido.pt (Fevereiro, 2009)

www.oportocool.wordpress.com (Fevereiro, 2009)

www.lecool.com (Março, 2009)

www.portodigital.pt (Março, 2009)

www.gled.com.pt (Maio, 2009)

www.lifecooler.com (Junho, 2009)

Anexos

Anexo 1 . Documento de enquadramento académico

Áreas de Investigação - Departamento de Design da FBAUP

Fevereiro de 2008

Novos Monumentos

O espaço público urbano não é apenas uma realidade física, geográfica: é também um conjunto de narrativas, de modos de viver o que nos rodeia, de ligações afectivas.

A palavra “monumento” refere-se normalmente a obras de dimensão épica que fixam no nosso quotidiano determinadas narrativas históricas. Mas também aqui os monumentos podem ser uma questão de percepção. O Porto pode ter um conjunto de espaços, obras e realidades já existentes que merecem ser celebrados colectivamente. Falta descobri-los, falta projectá-los para que se tornem em referências do quotidiano colectivo, locais a inscrever nos roteiros turísticos, património a preservar para além do discurso oficial, institucional.

O desafio é, portanto, o de identificar realidades da cidade do Porto que devem ser consideradas ex-líbris da cidade, e estudar as formas de registar e divulgar essas realidades.

Memória Futura: Histórias de Vida

Esta área de projecto insere-se numa rede internacional (Brasil, Canadá, Portugal e EUA) de museus virtuais que pretendem estimular e valorizar a história de vida de pessoas no quadro geral da sociedade. Pessoas que estejam fora do esquema institucional e cuja prática de viver mereça realce. Pretende-se reforçar um movimento crítico que permita coleccionar e partilhar memórias e histórias de vida que tenham servido como agentes de transformação nas comunidades locais e na sociedade em geral. Os projectos desenvolvidos (em tempo útil) poderão participar no Dia Internacional de Histórias de Vida (16 de Maio de 2008). Assim, destacamos algumas possibilidades de intervenção do projecto:

- Exposições documentais e, espaço público com formatação multimeios (imagem, texto e som);
- Narrativas (fotográficas e/ou) documentais sobre histórias e temas capazes de difundir em meios de comunicação: jornais, revistas, rádios, televisão, web, etc.;

Design, Cidadania e Desenvolvimento Social

Trabalho com Organização Não-Governamental (ONG)

Cada vez mais existe consciência, entre os criativos, de que o Design pode ser um instrumento ao serviço de boas causas. Existe uma quantidade de ONGs em Portugal que, sendo importantes contributos para o desenvolvimento social, pela sua natureza têm dificuldade em atrair a colaboração de profissionais da imagem na definição dos seus reportórios de comunicação. Assim, propõe-se que os alunos identifiquem uma ONG com a qual se identifiquem em termos de missão, e na qual reconheçam a necessidade de desenvolvimento ou reformulação de reportórios de comunicação. A partir daí, pretende-se que os alunos realizem a interlocução com essa ONG, para o desenvolvimento de sistemas visuais que sejam uma contribuição efectiva para o trabalho e o sucesso das causas defendidas por essa ONG.

Contra-Culto

Propõe-se a criação de um movimento subcultural ou contra-cultural. Na lógica que trespassa o Século XXI, e partindo das formas múltiplas que os universos das subculturas e contra-culturas têm vindo a desenvolver utilizando os recursos online e o potencial da web 2.0, propõe-se que os alunos criem um movimento de subversão de um ou mais aspectos socioculturais e/ou políticos vigentes. Trata-se de explorar a possibilidade de construir sistemas narrativos que obedeçam às nossas próprias ideias ou ideais, na convicção de que não necessitamos já de maiorias ou de consensos para fazer vingar estes.

Uma subcultura ou contra-cultura necessitará, provavelmente, de um reportório visual que a identifique – ou não; se for este o caso, os alunos terão de defender a ausência de imagem, ela própria, enquanto imagem.

Arqueologia de Imagem Analógica

A ideia de que o mundo se encontra hoje totalmente digitalizado é um equívoco. Existem múltiplas realidades que não só nunca abandonaram o seu registo analógico, como levantam problemas complexos quando se coloca a questão da sua digitalização. No entanto, este é um problema urgente: num mundo que cada vez mais parece insinuar que o que não é digital não existe (ou mais ainda, nunca existiu), é essencial proceder-se à revitalização de reportórios analógicos actualmente indisponíveis, invisíveis, esquecidos.

Pretende-se portanto a identificação de reportórios visuais actualmente em risco ou que apresentam necessidades específicas de contextualização / sistematização. Pretende-se em seguida o seu tratamento e comunicação.

A Imagem da Transgressão e da Singularidade

Ouvimos dizer com frequência que os media manipulam a realidade: que as notícias na televisão, por exemplo, serão supostamente construções pouco isentas, tentando impor leituras que favoreçam o status quo.

Seguindo esta ideia, porque não manipularmos também imagens documentais no sentido de defendermos as nossas convicções?

Propõe-se a desmontagem de um determinado fenómeno normalmente encarado como transgressivo, e a tentativa de mudança de percepção pública desse mesmo fenómeno: essencialmente, pretende-se a construção de narrativas documentais que tentem uma inversão da percepção social negativa associada a determinados fenómenos – do graffiti, do “episódio do telemóvel” do liceu Carolina Micaelis, da pirataria, de realidades que os alunos possam querer captar eles mesmos.

Imagem Participativa

Projecto de carácter experimental que coloca as seguintes questões: a criação é inevitavelmente um acto individual? Podemos produzir uma imagem de autoria colectiva? Numa era em que cada vez mais a arte e o design se definem enquanto actividades inclusivas e participativas, o que significa, por exemplo, criar um desenho em grupo?

Este projecto implica o estudo e desenvolvimento de processos não-individuais de criação e criatividade. Um cadavre exquis de possibilidades expandidas, no meio digital, na imagem móvel, em universos conceptuais, etc.

Gestão do Espólio MDI

A questão de base: como podemos trabalhar, organizar e comunicar conteúdos de outros criadores? O MDI tem já um espólio que interessa estruturar e projectar para o exterior. Propõe-se a criação de uma equipa que fará a triagem do trabalho dos últimos dois anos em coordenação com os docentes do curso, e trabalhará com um web designer para o disponibilizar numa plataforma online.

Edifício Douro – registo documental e comunicação

Na sequência dos exercícios anteriormente realizados, propõe-se a fixação de uma equipa de 3-4 alunos que possam seguir semanalmente as obras de recuperação do Edifício Douro, e sua transformação em Palácio das Artes – Fábrica de Talentos.

O projecto implica a convivência com os espaços e protagonistas da obra, bem como com as realidades circundantes, e o estudo de sistemas de comunicação com o público em geral.

Os outputs do projecto serão registos (fotográficos, videográficos e sonoros) a colocar no blog <http://edificiodouro.wordpress.com>, e a definição de outros suportes.

Produção de material para a UPTV e U.FRAME

Na sequência dos contactos estabelecidos, propõe-se a criação de uma equipa que possa gerir e criar conteúdos vídeo para inserção no canal da Universidade do Porto, em coordenação com a equipa UPMedia. Este projecto implica visitas exploratórias às instalações da UPTV, e definição de conteúdos em acordo com a equipa UPMedia. Adicionalmente, o material pode ser submetido a concurso ao U.Frame, Festival Internacional de Vídeo Universitário, uma iniciativa em parceria com a UPMedia.

Infografia

Propõe-se a continuação do projecto até final do semestre, nos moldes definidos, em coordenação com o curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Porto.

Visões Instantâneas

Propõe-se a continuação do projecto até final do semestre, gerindo o espólio de imagens criadas na sessão em Serralves coordenada pelo Daniel Brandão. Em função das necessidades entretanto reveladas, poderá ser necessário proceder-se ao registo de novo material.

O Mundo depois das Marcas

Valerá ainda a pena encarar a marca como a essência da identidade – e frequentemente a essência do Design?

Com o crescimento exponencial dos media interactivos e da acessibilidade às tecnologias, a ideia de que uma determinada entidade pode ser representada por uma marca bidimen-

sional e estática pode estar a perder rapidamente o sentido. Pretende-se, com este projecto, o estudo de outras possibilidades que se abrem à ideia tradicional de identidade, e a aplicação dessas possibilidades a um contexto concreto: o MDI – Mestrado em Design da Imagem da Universidade do Porto.

Porto, Fevereiro de 2008

O Departamento de Design da FBAUP

Anexo 2 . Inquérito

- 1.** Nome.
- 2.** Idade.
- 3.** Localidade.
- 4.** Profissão.
- 5.** Curso e onde estuda.
- 6.** Qual o café/ bar/ discoteca que mais frequentas? (pelo menos 3)
- 7.** Qual o restaurante que mais frequentas? (pelo menos 3 por ordem de preferência)
- 8.** Onde costumavas fazer compras? (pelo menos 3 lojas)
- 9.** Costumas ter dificuldade em saber onde ir e como ir?
- 10.** Qual o meio de transporte que utilizas?
- 11.** Conheces algum documento/ suporte/ objecto (guia do Porto) que te ajude a decidir onde ir?
- 12.** Se sim, qual? Achas completo? O que acrescentavas? E a nível funcional, achas de fácil consulta?
- 13.** Costumas guardar esses objectos? Porquê?
- 14.** O que te dava jeito saber e não sabes?
- 15.** Qual é para ti a essência do Porto?
- 16.** Descreve um dia perfeito na cidade do Porto.

Anexo 3 . Mapa - Zonamento

Anexo 4 . Teoria da Deriva de Guy Deborb

Théorie de la dérive

Entre les divers procédés situationnistes, la dérive se présente comme une technique du passage hâtif à travers des ambiances variées. Le concept de dérive est indissolublement lié à la reconnaissance d'effets de nature psychogéographique, et à l'affirmation d'un comportement ludique-constructif, ce qui l'oppose en tous points aux notions classiques de voyage et de promenade.

Une ou plusieurs personnes se livrant à la dérive renoncent, pour une durée plus ou moins longue, aux raisons de se déplacer et d'agir qu'elles se connaissent généralement, aux relations, aux travaux et aux loisirs qui leur sont propres, pour se laisser aller aux sollicitations du terrain et des rencontres qui y correspondent. La part de l'aléatoire est ici moins déterminante qu'on ne croit : du point de vue de la dérive, il existe un relief psychogéographique des villes, avec des courants constants, des points fixes, et des tourbillons qui rendent l'accès ou la sortie de certaines zones fort malaisés.

Mais la dérive, dans son unité, comprend à la fois ce laisser-aller et sa contradiction nécessaire : la domination des variations psychogéographiques par la connaissance et le calcul de leurs possibilités. Sous ce dernier aspect, les données mises en évidence par l'écologie, et si borné que soit a priori l'espace social dont cette science se propose l'étude, ne laissent pas de soutenir utilement la pensée psychogéographique.

L'analyse écologique du caractère absolu ou relatif des coupures du tissu urbain, du rôle des microclimats, des unités élémentaires entièrement distinctes des quartiers administratifs, et surtout de l'action dominante de centres d'attraction, doit être utilisée et complétée par la méthode psychogéographique. Le terrain passionnel objectif où se meut la dérive doit être défini en même temps selon son propre déterminisme et selon ses rapports avec la morphologie sociale.

Chombart de Lauwe dans son étude sur Paris et l'agglomération parisienne (Bibliothèque de Sociologie Contemporaine, P.U.F. 1952) note qu'« un quartier urbain n'est pas déterminé seulement par les facteurs géographiques et économiques mais par la représentation que

ses habitants et ceux des autres quartiers en ont » ; et présente dans le même ouvrage – pour montrer « l'étroitesse du Paris réel dans lequel vit chaque individu... géographiquement un cadre dont le rayon est extrêmement petit » – le tracé de tous les parcours effectués en une année par une étudiante du XVI^e arrondissement ; ces parcours dessinent un triangle de dimension réduite, sans échappées, dont les trois sommets sont l'École des Sciences Politiques, le domicile de la jeune fille et celui de son professeur de piano.

Il n'est pas douteux que de tels schémas, exemples d'une poésie moderne susceptible d'entraîner de vives réactions affectives – dans ce cas l'indignation qu'il soit possible de vivre de la sorte –, ou même la théorie, avancée par Burgess à propos de Chicago, de la répartition des activités sociales en zones concentriques définies, ne doivent servir aux progrès de la dérive.

Le hasard joue dans la dérive un rôle d'autant plus important que l'observation psychogéographique est encore peu assurée. Mais l'action du hasard est naturellement conservatrice et tend, dans un nouveau cadre, à tout ramener à l'alternance d'un nombre limité de variantes et à l'habitude. Le progrès n'étant jamais que la rupture d'un des champs où s'exerce le hasard, par la création de nouvelles conditions plus favorables à nos desseins, on peut dire que les hasards de la dérive sont foncièrement différents de ceux de la promenade, mais que les premières attirances psychogéographiques découvertes risquent de fixer le sujet ou le groupe dérivant autour de nouveaux axes habituels, où tout les ramène constamment.

Une insuffisante défiance à l'égard du hasard, et de son emploi idéologique toujours réactionnaire, condamnait à un échec morne la célèbre déambulation sans but tentée en 1923 par quatre surréalistes à partir d'une ville tirée au sort : l'errance en rase campagne est évidemment déprimante, et les interventions du hasard y sont plus pauvres que jamais. Mais l'irréflexion est poussée bien plus loin dans *Médium* (mai 1954), par un certain Pierre Vendryes qui croit pouvoir rapprocher de cette anecdote – parce que tout cela participerait d'une même libération antidéterministe – quelques expériences probabilistes, par exemple sur la répartition aléatoire de têtards de grenouille dans un cristalliseur circulaire, dont il donne le fin mot en précisant : « il faut, bien entendu, qu'une telle foule ne subisse de l'extérieur aucune influence directrice ». Dans ces conditions, la palme revient effectivement aux têtards qui ont cet avantage d'être « aussi dénués que possible

d'intelligence, de sociabilité et de sexualité », et, par conséquent, « vraiment indépendants les uns des autres ».

Aux antipodes de ces aberrations, le caractère principalement urbain de la dérive, au contact des centres de possibilités et de significations que sont les grandes villes transformées par l'industrie, répondrait plutôt à la phrase de Marx : « Les hommes ne peuvent rien voir autour d'eux qui ne soit leur visage, tout leur parle d'eux-mêmes. Leur paysage même est animé. »

On peut dériver seul, mais tout indique que la répartition numérique la plus fructueuse consiste en plusieurs petits groupes de deux ou trois personnes parvenues à une même prise de conscience, le recoupement des impressions de ces différents groupes devant permettre d'aboutir à des conclusions objectives. Il est souhaitable que la composition de ces groupes change d'une dérive à l'autre. Au-dessus de quatre ou cinq participants, le caractère propre à la dérive décroît rapidement, et en tout cas il est impossible de dépasser la dizaine sans que la dérive ne se fragmente en plusieurs dérives menées simultanément. La pratique de ce dernier mouvement est d'ailleurs d'un grand intérêt, mais les difficultés qu'il entraîne n'ont pas permis jusqu'à présent de l'organiser avec l'ampleur désirable.

La durée moyenne d'une dérive est la journée, considérée comme l'intervalle de temps compris entre deux périodes de sommeil. Les points de départ et d'arrivée, dans le temps, par rapport à la journée solaire, sont indifférents, mais il faut noter cependant que les dernières heures de la nuit sont généralement impropres à la dérive.

Cette durée moyenne de la dérive n'a qu'une valeur statistique. D'abord, elle se présente assez rarement dans toute sa pureté, les intéressés évitant difficilement, au début ou à la fin de cette journée, d'en distraire une ou deux heures pour les employer à des occupations banales ; en fin de journée, la fatigue contribue beaucoup à cet abandon. Mais surtout la dérive se déroule souvent en quelques heures délibérément fixées, ou même fortuitement pendant d'assez brefs instants, ou au contraire pendant plusieurs jours sans interruption. Malgré les arrêts imposés par la nécessité de dormir, certaines dérives d'une intensité suffisante se sont prolongées trois ou quatre jours, voire même davantage. Il est vrai que dans le cas d'une succession de dérives pendant une assez longue période, il est presque impossible de déterminer avec quelque précision le moment où l'état d'esprit propre à

une dérive donnée fait place à un autre. Une succession de dérives a été poursuivie sans interruption notable jusqu'aux environs de deux mois, ce qui ne va pas sans amener de nouvelles conditions objectives de comportement qui entraînent la disparition de bon nombre des anciennes.

L'influence sur la dérive des variations du climat, quoique réelle, n'est déterminante que dans le cas de pluies prolongées qui l'interdisent presque absolument. Mais les orages ou les autres espèces de précipitations y sont plutôt propices.

Le champ spatial de la dérive est plus ou moins précis ou vague selon que cette activité vise plutôt à l'étude d'un terrain ou à des résultats affectifs déroutants. Il ne faut pas négliger le fait que ces deux aspects de la dérive présentent de multiples interférences et qu'il est impossible d'en isoler un à l'état pur. Mais enfin l'usage des taxis, par exemple, peut fournir une ligne de partage assez claire : si dans le cours d'une dérive on prend un taxi, soit pour une destination précise, soit pour se déplacer de vingt minutes vers l'ouest, c'est que l'on s'attache surtout au dépaysement personnel. Si l'on s'en tient à l'exploration directe d'un terrain, on met en avant la recherche d'un urbanisme psychogéographique.

Dans tous les cas le champ spatial est d'abord fonction des bases de départ constituées, pour les sujets isolés, par leur domicile, et pour les groupes, par les points de réunion choisis. L'étendue maximum de ce champ spatial ne dépasse pas l'ensemble d'une grande ville et de ses banlieues. Son étendue minimum peut être bornée à une petite unité d'ambiance : un seul quartier, ou même un seul îlot s'il en vaut la peine (à l'extrême limite la dérive-statique d'une journée sans sortir de la gare Saint-Lazare

L'exploration d'un champ spatial fixé suppose donc l'établissement de bases, et le calcul des directions de pénétration. C'est ici qu'intervient l'étude des cartes, tant courantes qu'écologiques ou psychogéographiques, la rectification et l'amélioration de ces cartes. Est-il besoin de dire que le goût du quartier en lui-même inconnu, jamais parcouru, n'intervient aucunement ? Outre son insignifiance, cet aspect du problème est tout à fait subjectif, et ne subsiste pas longtemps.

La part de l'exploration au contraire est minime, par rapport à celle d'un comportement déroutant, dans le « rendez-vous possible ». Le sujet est prié de se rendre seul à une heure

qui est précisée dans un endroit qu'on lui fixe. Il est affranchi des pénibles obligations du rendez-vous ordinaire, puisqu'il n'a personne à attendre. Cependant ce « rendez-vous possible » l'ayant mené à l'improviste en un lieu qu'il peut connaître ou ignorer, il en observe les alentours. On a pu en même temps donner au même endroit un autre « rendez-vous possible » à quelqu'un dont il ne peut prévoir l'identité. Il peut même ne l'avoir jamais vu, ce qui incite à lier conversation avec divers passants. Il peut ne rencontrer personne, ou même rencontrer par hasard celui qui a fixé le « rendez-vous possible ». De toute façon, et surtout si le lieu et l'heure ont été bien choisis, l'emploi du temps du sujet y prendra une tournure imprévue. Il peut même demander par téléphone un autre « rendez-vous possible » à quelqu'un qui ignore où le premier l'a conduit. On voit les ressources presque infinies de ce passe-temps.

Ainsi le mode de vie peu cohérent, et même certaines plaisanteries réputées douteuses, qui ont été toujours en faveur dans notre entourage, comme par exemple s'introduire nuitamment dans les étages des maisons en démolition, parcourir sans arrêt Paris en auto-stop pendant une grève des transports, sous le prétexte d'aggraver la confusion en se faisant conduire n'importe où, errer dans ceux des souterrains des catacombes qui sont interdits au public, relèveraient d'un sentiment plus général qui ne serait autre que le sentiment de la dérive. Ce que l'on peut écrire vaut seulement comme mots de passe dans ce grand jeu. *

Les enseignements de la dérive permettent d'établir les premiers relevés des articulations psychogéographiques d'une cité moderne. Au-delà de la reconnaissance d'unités d'ambiance, de leurs composantes principales et de leur localisation spatiale, on perçoit leurs axes principaux de passage, leurs sorties et leurs défenses. On en vient à l'hypothèse centrale de l'existence de plaques tournantes psychogéographiques. On mesure les distances qui séparent effectivement deux régions d'une ville, et qui sont sans commune mesure avec ce qu'une vision approximative d'un plan pouvait faire croire. On peut dresser, à l'aide des vieilles cartes, de vues photographiques aériennes et de dérives expérimentales une cartographie influentielle qui manquait jusqu'à présent, et dont l'incertitude actuelle, inévitable avant qu'un immense travail ne soit accompli, n'est pas pire que celle des premiers portulans, à cette différence près qu'il ne s'agit plus de délimiter précisément des continents durables, mais de changer l'architecture et l'urbanisme.

Les différentes unités d'atmosphère et d'habitation, aujourd'hui, ne sont pas exactement tranchées, mais entourées de marges frontières plus ou moins étendues. Le changement le plus général que la dérive conduit à proposer, c'est la diminution constante de ces marges frontières, jusqu'à leur suppression complète.

Dans l'architecture même, le goût de la dérive porte à préconiser toutes sortes de nouvelles formes du labyrinthe, que les possibilités modernes de construction favorisent. Ainsi, la presse signalait en mars 1955, la construction à New-York d'un immeuble où l'on peut voir les premiers signes d'une occasion de dérive à l'intérieur d'un appartement :

« Les logements de la maison hélicoïdale auront la forme d'une tranche de gâteau. Ils pourront être agrandis ou diminués à volonté par le déplacement de cloisons mobiles. La gradation par demi-étage évite de limiter le nombre de pièces, le locataire pouvant demander à utiliser la tranche suivante en surplomb ou en contrebas. Ce système permet de transformer en six heures trois appartements de quatre pièces en un appartement de douze pièces ou plus. »

G.-E. DEBORD

Anexo 5 . Mapa - Derivas Experimentais

Anexo 6. Diário Visual



Cascata Sanjoanina



Casa Alfredo. R. do Cativo



Casa Alfredo. R. do Cativo



Casa Alfredo. R. do Cativo



Escadas das Verdades



Escadas das Verdades



Escadas das Verdades



R. da Sra. das Verdades



Escadas do Barredo



Escadas do Barredo



Escadas do Barredo



Escadas do Barredo



R. de São Francisco de Borja



R. de Baixo



Cais da Ribeira



Ponte Luís I



Oculista Confiança. R. do Loureiro



José e Maria Manuela Porto, Cervejaria Bar Grande Porto



Pensão Mondariz. R. de Cimo de Vila



Mini Mercado Indiano Poreshdar. R. de Cimo de Vila



Casa Vilela. R. de Cimo de Vila



R. de Cimo de Vila



R. do Ferraz



Uma porta na R. dos Caldeireiros



R. dos Caldeireiros



Casa Neves. R. dos Caldeireiros



Largo dos Lóios



R. de Mouzinho da Silveira



R. dos Pelames



Largo da Pena Ventosa



Igreja S. Lourenço (Grilos)



Miradouro S. Lourenço

Anexo 7 . Mapa - Percurso e Pontos de Interesse

Anexo 8 . TRIP - Guia e Dissertação em formato digital